

tempo e presença



Publicação do CEDI ■ Número 275 ■ Ano 16 ■ R\$1,50

*DA ARTE
DA FESTA
DA MÍSTICA*

UM OUTRO OLHAR

É comum afirmar-se que a realidade pode ser vista por meio de diversas lentes. Ela não se mostra da mesma forma a todas as pessoas. Para amplos setores da sociedade, a única forma de "desvelar" a realidade, ou superar aquilo que o senso comum acredita ser o verdadeiro, seria pelo método científico, principalmente com as chamadas ciências exatas. Houve até uma suposição de que as ciências

acabariam com a filosofia, com a religião e com a poética.

Há, entretanto, atualmente, ainda que em setores restritos, a convicção de que existem muitas outras leituras para se compreender a existência, sem a preocupação com o necessário encadeamento exato de fatos determinados. As mediações científicas ou socioanalíticas não são capazes de esgotar

o real. Os sonhos, a inspiração poética, a criação artística, as festas são elementos integradores da vida, ultrapassam o senso comum e realizam ligações de amplitudes cósmicas.

As obras de arte redimensionam a realidade e, ainda mais, agregam novos aspectos a essa mesma realidade. São elementos de criação. Exercem certa magia sobre as pessoas e não cabem nos limites do econômico e do político. Os artistas fazem aquilo que não havia sido feito antes. São criadores.

Mas a arte não está condicionada à sua utilidade. A obra de arte não se conforma a padrões estabelecidos por tradições e escolas. É revolucionária por si mesma.

Está no domínio da experiência humana. É plena de gratuidade.

Uma das formas de expressão artística é a festa. Sem ela o mundo não sobrevive. Fica pequeno e triste. Impede que a graça divina se torne presente e abundante. A festa é proclamação da riqueza inesgotável da natureza e da humanidade.

O povo sabe disso em sua sabedoria própria. Não se deixa enquadrar pelos saberes mediados pela razão, esquematizados pela economia, definidos pela política ou sistematizados pelas doutrinas. A emoção, o imaginário, a poesia, a música, a fantasia lhe dão forças para desentranhar as utopias, os sonhos, os projetos, a razão de viver, mesmo na situação difícil em que vive.

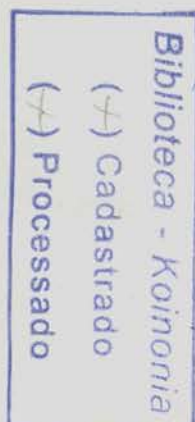
Os que vêem a vida apenas com os olhos da ciência pensam que podem resolver suas limitações e dúvidas mudando as lentes dos óculos. Não é bem assim. É necessário que se mudem os olhos. "É pegar o eterno que cintila por um instante no rio do tempo" (Rubem Alves).

Há um dado fundamental nessa forma de ver a realidade, a existência, a vida: a recuperação do corpo como paradigma de todo o pensamento e da ação. Na Bíblia encontramos a exaltação da beleza corporal transformada em poema, no Cântico dos Cânticos. A ode ao amor, em todas as suas expressões, é uma constante nas religiões. Também as imagens de Deus ultrapassam as clássicas definições catequéticas e ganham beleza e liberdade nos poetas e artistas. Como diz Guimarães Rosa: "O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e indo mais no meio da tristeza!".

Nesta edição, TEMPO E PRESENÇA está acrescentando maneiras novas de ver a realidade. Não significa apenas trocar as lentes dos óculos. Muito mais: ampliar a visão, abrir o coração, deixar extravasar os sentimentos e aumentar a alegria e o amor.



José Costa Leite





C E D I

BRASIL Eleições 94

Encarte de TEMPO E PRESENÇA nº 275 Maio / junho de 1994 Publicação do CEDI

Nas eleições de 3 de outubro, todos os brasileiros estão convocados a assumir o comando do País, a fim de enfrentar e vencer a terrível crise em que se está mergulhado. Neste suplemento, TEMPO E PRESENÇA oferece informações gerais sobre o processo eleitoral de outubro, para que os leitores possam exercer o direito de voto com clareza suficiente acerca do compromisso como eleitor e cidadão



VAMOS TENTAR MAIS UMA VEZ

Votar — um passo importante

Torna-se hoje imperativo para a democracia brasileira defender e fortalecer as instituições que foram construídas no processo de democratização. Para isso, é preciso ir até o fim no expurgo da corrupção e da apropriação do público por interesses privados ou grupais, no Congresso, no Executivo e também no Judiciário. Renovar a democracia é renovar os dirigentes do poder político do País.

A campanha eleitoral já está aí para nos mostrar que uma democracia representativa, renovada e mais fortalecida encontra-se no horizonte e que é possível

fazê-la sair das urnas. O momento é de os cidadãos, pelo voto, constituírem o poder efetivo.

O Brasil precisa mudar e para isso deve ser bem governado. E cada um dos cidadãos deste país tem em mãos uma única arma pacífica e democrática: o voto. Todo político é resultado do voto de cada eleitor.

É fundamental ter em mente, no momento de votar, que a escolha vai definir o futuro do País. O próximo presidente será o candidato que mostrar a forma de recuperar a economia e promover o desenvolvimento nacional, atendendo a todos os cidadãos e devolvendo à sociedade a esperança de dias melhores.

Características especiais destas eleições

As eleições de 3 de outubro de 1994 destinam-se à escolha de: presidente e vice-presidente da República; governador e vice-governador de Estado e do Distrito Federal; dois senadores e respectivos suplentes em cada unidade da Federação; e deputados federais e estaduais ou distritais. Portanto, no próximo pleito, não haverá a escolha de prefeitos, vice-prefeitos e vereadores.

O segundo turno para os cargos de presidente e vice-presidente da República será realizado em

O voto é obrigatório para todos os brasileiros de 18 a 70 anos de idade, e facultativo para os analfabetos, os jovens entre 16 e 18 anos os que têm acima de 70 anos

15 de novembro de 1994, na hipótese de nenhuma chapa obter, em 3 de outubro, a maioria absoluta de votos. Na mesma data, ocorrerá, ainda, o se-

gundo turno para os cargos de governador e vice-governador nas unidades da Federação onde nenhum candidato alcançar a maioria absoluta de votos. Como em eleições anteriores, os votos em branco e os nulos não serão computados.

Calendário eleitoral

2 de abril/94: Data-limite para que os candidatos que integram o Poder Executivo e que desejam disputar as eleições deixem os cargos.

31 de maio/94: Data-limite para a realização de convenções partidárias para a escolha dos candidatos a presidente da República, governador de Estado, senador, deputado federal e estadual, e para a definição das coligações partidárias. Os candidatos deverão estar filiados ao partido pelo qual concorre-



rem desde 9 de janeiro, e domicílio eleitoral desde 31 de dezembro de 1993.

10 de junho/94: Data-limite para que partidos e coligações registrem na Justiça Eleitoral seus candidatos.

2 de agosto/94: Início da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão. Serão duas horas diárias: uma hora para a eleição presidencial e uma hora para os demais cargos em disputa.

1º de outubro/94: Fim da propaganda gratuita no rádio e na televisão.

3 de outubro/94: Data das eleições. Serão usadas duas cédulas: **uma, de cor branca**, destinada aos cargos proporcionais (deputados federais e estaduais); e **outra, de cor amarela**, destinada aos cargos majoritários (Senado, Governo de Estado e Presidência da República).

15 de novembro/94: Data do segundo turno das eleições para presidente da República e governador de Estado (nos casos em que for necessário).

1º de janeiro/95: Posse do presidente e dos governadores eleitos. Deputados estaduais tomam posse segundo a Constituição de cada Estado.

1º de fevereiro/95: Posse dos senadores e dos deputados federais eleitos.

Devemos exigir daqueles que pretendem assumir cargos públicos: honestidade, competência, respeito aos valores éticos e decisão de promover o bem comum

Candidatos à Presidência e partidos/coligações

Nome	Partidos/coligações
Enéas Carneiro	PRONA
Esperidião Amin	PPR
Fernando Henrique Cardoso	PSDB/PFL/PTB
Flávio Rocha	PL
Hernani Fortuna	PSC
Leonel Brizola	PDT/PMN
Luís Inácio Lula da Silva	PT/PSB/PSTU/PPS/PCdoB/PV
Orestes Quércia	PMDB
Walter Queiroz	PRN

O seu voto também será para deputado federal e estadual

Proporção de deputados em cinco estados

Estados	Nº de municípios	Deputados Federais		Deputados Estaduais	
		Total	%	Total	%
São Paulo	625	70	14,0	94	8,8
Minas Gerais	756	53	10,3	77	7,2
Rio de Janeiro	81	46	9,0	70	6,6
Bahia	415	39	7,6	63	6,0
Rio Grande do Sul	427	31	6,1	55	5,9

O eleitor consciente conhece bem o peso de seu voto, a responsabilidade de sua escolha e as conseqüências políticas de sua preferência eleitoral

Eleitores por região/estados

Região	Porcentagem
Sudeste	44,62%
Nordeste	26,86%
Sul	16,11%
Centro-Oeste	6,38%
Norte	6,03%

O que decide eleições é a soma dos votos. Portanto, os Estados que têm maior número de eleitores terão peso decisivo na vitória presidencial. Abaixo, o peso de dez Estados, de acordo com o número de eleitores.

Estado	Número de eleitores	Porcentagem
São Paulo	19.812.703	21,95
Minas Gerais	10.116.796	11,21
Rio de Janeiro	8.732.024	9,67
Bahia	6.701.738	7,43
Rio Grande do Sul	6.069.273	6,72
Paraná	5.495.947	6,09
Pernambuco	4.246.992	4,71
Ceará	3.809.457	4,22
Santa Catarina	2.974.926	3,30
Pará	2.645.323	2,93

A soma dos votos dos seis primeiros Estados alcança mais de 55 milhões de votos, dos quase 90 milhões de eleitores do País.

Perfil dos eleitores

Por faixa etária e sexo

Idade	Feminino	Masculino	Total
16 anos	677.622	720.610	1.398.232
17 anos	861.948	960.203	1.822.151
18 a 24 anos	8.849.975	9.392.319	18.242.294
25 a 34 anos	12.547.006	12.641.022	25.188.028
35 a 44 anos	9.073.528	9.042.311	18.115.839
45 a 59 anos	7.844.170	7.872.652	15.716.822
60 a 69 anos	2.988.689	3.047.784	6.036.473
Mais de 70 anos	1.547.658	1.844.259	3.391.917
Total	44.390.596	45.521.160	89.911.756

1994 — Ano de eleições na América Latina

País	Período
Honduras	Janeiro
Costa Rica	Janeiro
El Salvador	Março
Panamá	Maio
Colômbia	Junho
República Dominicana	Agosto
México	Agosto
BRASIL	Outubro
Uruguai	Novembro

Fontes: Jornal do Brasil (18/2/94, 2/4/94 e 6/6/94); Tribunal Superior Eleitoral/TSE; Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar/DIAP; Revista Democracia, março/abril-94.

Na próxima edição, serão apresentados os planos de governo dos candidatos.

Colaborou neste Suplemento Beatriz Araújo Martins. Ilustrações de Calicut.

SUMÁRIO

Arte

- 5 DIMENSÕES DO PENSAMENTO
Elter Dias Maciel

- 8 ARTE E TEOLOGIA
Jaci Maraschin

Mística

- 12 O QUE SALVA O POVO É A MÍSTICA
Leonardo Boff

Festa

- 15 O POVO DE SANTO E O MUNDO DA FESTA
Ordep Serra

Literatura

- 18 "O SERTÃO É DELE": ALGUMAS
IMAGENS DE DEUS E OUTROS
EM JOÃO GUIMARÃES ROSA
Carlos Brandão

Poesia

- 22 TEMPUS FUGIT; CARPE DIEM:
O TEMPO FOGE; CURTA O DIA
Rubem Alves

Amor

- 26 DAS CURAS E FERIDAS DO AMOR
Ivone Gebara

Paixão

- 28 A ERÓTICA DO ARREBATAMENTO
Paulo César Loureiro Botas

CEDI 20 anos

- 31 COMPROMISSO, OUSADIA
E SONHO
Heloísa de Souza Martins
Paulo César Loureiro Botas

África

- 35 VITÓRIA DA DIGNIDADE
Colin Darch

Bíblia Hoje

- 37 BELEZAS E PRAZERES MESSIÂNICOS
Pedro Lima Vasconcelos

Resenha

- 39 A GLÓRIA DE DEUS É O POBRE COM VIDA
Jorge Atilio Silva Iulianelli

Encarte especial

BRASIL / ELEIÇÕES 94

OUTRO OLHAR – O sonho, a poética e a criação artística são, muitas vezes, vistos como atividades que apenas adornam a vida do "homem culto". Em certas ocasiões igrejas e a própria teologia consideraram a arte, até mesmo, como expressão de blasfêmia. Outros, entretanto, vêem a vida com outros olhos. Páginas 5 a 11

ALEGRIA – O povo manifesta seus sentimentos mais profundos por meio da festa. É a forma de opor-se à experiência dura do cotidiano. Proclamação da riqueza inesgotável do mundo. Ordep Serra analisa o significado da festa no Candomblé, e Leonardo Boff indica a força da mística do povo. Páginas 12 a 17



Festa junina. Favela Nova Holanda, Rio de Janeiro

POÉTICA E BELEZA – A vida não pode ser vista apenas com os olhos da ciência. A música e a poesia são parte das revoluções. Caminhando e cantando. Brandão destaca em Guimarães Rosa as imagens de Deus, e Rubem Alves nos inspira a "beber o encanto de estar no mundo". Páginas 18 a 25

CORPO E PAIXÃO – "O amor é louco, sem sentido e cheio de

sentido. Entrega-se, mas não se deixa possuir ...". Trechos da linda crônica de Ivone Gebara inspirada no diálogo da mulher com a Vida. Numa reflexão sobre o poema "Cantar dos Cantares", Paulo Botas mostra que a beleza da corporeidade vivida em sua plenitude erótica é o que conduz à contemplação divina do amor. Páginas 26 a 29

1 9 9 4



CEDI 20 ANOS –

É ressaltada a significativa colaboração que o CEDI ofereceu à renovação do movimento sindical brasileiro e à

recuperação da memória das lutas dos trabalhadores em São Paulo. Destacam-se, em outro depoimento, fatos e sentimentos da "comunidade cediana" nos momentos agudos da repressão. Páginas 31 a 34

MANDELA – Da prisão para o palácio. Sem dúvida, um dos fatos marcantes desse fim de século foi a vitória do Congresso Nacional Africano nas eleições da África do Sul. Veja

na matéria especial para TEMPO E PRESENÇA os detalhes desse momento do processo de derrubada do *apartheid*. Páginas 35 a 36

ENCARTE – No terceiro número do encarte sobre Eleições 94, informações básicas sobre o processo eleitoral brasileiro.

tempo e presença

Revista bimestral do CEDI
Maio/junho de 1994
Ano 16 - nº 275

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (021) 224-6713
Fax (021) 221-3016

Av. Higienópolis, 983
01238-001 São Paulo SP
Telefone (011) 825-5544
Fax (011) 825-7861

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Rodrigues Brandão
Emir Sader

José Oscar Beozzo
Heloísa de Souza Martins
Leonardo Boff
Luiz Eduardo Wanderley
Márcio Santilli
Marília Pontes Sposito
Milton Schwantes
Paulo Schilling
Regina Reyes Novaes
Rubem Alves

EDITOR
Jether Pereira Ramalho

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Paulo Roberto Salles Garcia
MTb 18481

EDITORES ASSISTENTES
Beatriz Araújo Martins
Maria Cecília Iório
Rafael Soares de Oliveira

EDITORA DE ARTE
Anita Slade

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Beatriz Araújo Martins

REVISOR E DIGITADOR
Paulo Roberto Salles Garcia

CAPA
Anita Slade

PRODUÇÃO GRÁFICA
Supernova

FOTOLITO DA CAPA
Beni

FOTOLITOS E IMPRESSÃO
Clip

Os artigos assinados não traduzem necessariamente a opinião da revista.

Preço do exemplar avulso
R\$ 1,50

Assinatura anual
R\$ 9,00

Assinatura de apoio
R\$ 15,00

Assinatura/exterior
US\$ 50,00

ISSN 0103-569X

Receber a revista TEMPO E PRESENÇA, durante o ano de 1993, foi de grande utilidade sobre todos os assuntos, principalmente no sentido de me oferecer uma visão crítica da realidade.

Raul José Biffi
Marília/SP

Parabenizo toda a equipe da revista TEMPO E PRESENÇA pela

abordagem de temas que nos permitem maior esclarecimento do contexto histórico em que vivemos, e ao mesmo tempo, desafia nossa participação e compromisso de transformação numa sociedade que apresenta confrontos.

Heldenisa Maria
dos Santos Peixoto
Goiânia/GO

Sem receio algum, estou renovando a assinatura de TEMPO E PRESENÇA, pois estou certo que os números recebidos muito contribuíram para minha informação/formação e também para o trabalho que desenvolvo junto a jovens e adultos, ou seja, no MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos).

Francisco Flávio Alves Felipe
São Paulo/SP

Há muitos anos — acredito mais de vinte —, desde o tempo de minha militância na pastoral dos direitos humanos, assino TEMPO E PRESENÇA. Embora não concordando com a linha da revista que trata o ecumenismo numa ótica unilateral, prescindindo das questões de fundo, consideradas como acadêmicas, a leio de acordo com o princípio da

VOCÊ JÁ É ASSINANTE DE TEMPO E PRESENÇA?

Na atual conjuntura do Brasil e da América Latina a revista TEMPO E PRESENÇA tem-se constituído em uma referência importante. Analisando as questões e os desafios que os movimentos sociais e as pastorais populares, ela oferece subsídios para o desvelamento da realidade e para o avanço do processo democrático. TEMPO E PRESENÇA renova seu compromisso de continuar, nos próximos meses e em 1995, o seu projeto editorial, ampliando e melhorando ainda mais a sua forma e conteúdo. DEMOCRÁTICA - ECUMÊNICA - ATRAENTE

"*concordia discors*". O último número (274), porém, aumentou minhas dissensões: propaganda eleitoral, não disfarçada do PT, defesa "*a spada tratta*" e anacrônica da Petrobrás, ênfase na democracia "popular" contraposta à "burguesa", com ranços vétéromarxistas e outros. Só consigo ler, em sintonia com o autor, a página do Rubem Alves.

Espero que entre tantas cartinhas de adesão incondicionada, publiquem essa minha de crítica, que os leitores acostumados a "uma cantilena de uma nota só, definirão como "reacionária". Apesar das críticas continuo lendo e assinando TEMPO E PRESENÇA, partindo do ditado de que "*nullus est liber tam malus ut non aliqua parte prosit*".

Mario Spallicci
São Paulo/SP

Venho por meio desta parabenizá-los pelos excelentes conteúdos da revista TEMPO E PRESENÇA; ela, sem dúvida, tem prestado com profundidade um trabalho importante para os setores que trabalham a formação humanística, libertadora e ecológica em nossa sociedade. Eu,

particularmente, tenho muito a agradecer ao trabalho de todos da TEMPO E PRESENÇA, pois, como sociólogo, estudante e assessor de ONG, a revista apresenta-me uma diversidade de temas e abordagens engrandecendo e suplementando minhas atividades.

Mauro Oliveira Pires
Goiânia/GO

Achamos fundamental receber TEMPO E PRESENÇA, que muito tem contribuído para o crescimento dos nossos núcleos. A realidade vista a partir da ótica dos pobres e marginalizados tem muito a ver com nossa conclusão, após nossos estudos bíblicos, e isto nos dá forças para continuar a caminhada para a conquista do Reino. Comunidade de CEBI Paranaíba/MS

ERRATA

O autor do artigo "Diversidade religiosa: realidade que se impõe", na revista TEMPO E PRESENÇA n.273, é MARCELO CAMURÇA e não Maurício, como foi publicado.

Elter Dias Maciel

DIMENSÕES DO PENSAMENTO

O pensamento e a criatividade humana movimentam-se por todas as dimensões do existir. Os limites inatingíveis e sua expressão são movidos pelo sentimento, mais que a mera curiosidade, em direção a um mundo solidário para além da barbárie

O homem com senso comum de realidade assemelha-se a um peixe que abocanha o anzol sem ter olhado para a linha.
(R. Musil)

De uma forma ou de outra, a superação do senso comum foi sentida como necessidade humana desde que o homem procurou expressar espanto, perplexidade, medo e alegrias; ou quando magoado, ferido, enfrentava qualquer espécie de limitação e contingência.

No espaço deste texto não há como abordar, por meio da história da arte, todos os recursos utilizados pela humanidade para registrar seus sentimentos. Por ora basta mencionar que desde os desenhos das cavernas até as manifestações artísticas contemporâneas, passando pelos trabalhos em barro dos incas ou pelas esculturas dos astecas, encontram-se tentativas de firmar simbólica e poeticamente as experiências do homem com a sociedade e com a natureza.



Dança – desenho de Auguste Renoir (1841-1919), impressionista francês.



O sonho da razão produz monstros – água-forte de Francisco Goya (1746-1828), pintor espanhol

O desconhecido, o medo e o terror eram enfrentados pelas diferentes manifestações de religiosidade, pelos mitos e pelas lendas, formas que sempre ultrapassaram o senso comum na tentativa de uma ligação e de uma interpretação cósmicas.

No entanto, para amplos setores da sociedade, a única maneira de superar as limitações seria por intermédio da ciência e, particularmente, das denominadas exatas. Elaborar certezas, corrigir erros, superar limitações físicas sempre pareceram o modo adequado de vencer o que se apresentava como incompleto, insuficiente ou, simplesmente, desconhecido.

Essa postura, embora necessá-

ria, fez com que muitos se esquecessem do sonho, da invenção poética e da criação artística, considerados apenas como interregno das atividades fundamentais do espírito. Buscadas quase sempre como lazer ou descanso — a música para acalmar ou para fundo de conversação, a pintura para deleite, e a literatura para distração —, são vistas como atividades não-prioritárias que adornam o homem culto.

Mesmo hoje em dia, raramente se pode considerar que as abordagens ultrapassem o quadro acima. Arte como conhecimento, como construção de um mundo melhor e como superação dos limites tópi-

cos é abordagem ainda restrita, mesmo para o mundo acadêmico.

Desvelar o mundo. É possível avançar a questão quando se mostra o quanto as obras de arte contribuíram para o desvendamento do mundo, na medida em que especificaram ou redimensionaram aspectos da realidade. Mas não é o suficiente: a obra de arte é, de fato, um avanço na criação da própria existência porque representa “uma realidade que não existe fora da obra ou antes da obra, mas apenas precisamente na obra” (Kosik). É fundamental realçar o fato de que só se encontra precisamente na obra, pois significa elemento novo que se acrescenta à realidade, tornando-a, sim, mais inteligível ou até mais aceitável, mas fundamentalmente diferenciada pela presença de mais um componente dela.

Em termos tradicionais, a obra poética, como dado a mais, alterou a própria realidade, além de ter contribuído para sua compreensão. O livro “Os Irmãos Karamasov”

IMAGINAÇÃO E DEVANEIO

A imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua.

A poesia é um compromisso da alma.

O devaneio nos faz habitar um mundo.

O frescor de uma paisagem é uma maneira de olhá-la, e compete à imaginação a mais longa tarefa.

É a imaginação que produz o pensamento.

Criar é desatar angústias.

(Gaston Bachelard)

Fonte: Hilton Japiassú, *Para ler Bachelard*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1976.

É preciso pensar na magia que uma obra de arte exerce sobre os homens quando convida a ver a realidade mediante processos pouco utilizados pela ciência tradicional

não aumentou uma biblioteca ou acrescentou mais uma peça a determinado museu, mas pertence ao acervo da humanidade, uma vez que tem sido, através dos anos, um evento que modificou pontos de vista, posturas e representações dos homens, os quais, ainda hoje, voltam ao texto para compreender melhor suas próprias vidas. A obra, em função de sua pertinência, tornou-se componente de atividade e novos pensamentos que explicam e modificam novas atitudes, além da magia que lhe é inerente.

Quando foi publicada, recebeu, por parte de alguns críticos, severas restrições (Melchior de Vogué), pois estes viam nos personagens tipos “monstruosos” e inverossímeis; aos poucos — em Berdiaef e mais recentemente em Bakhtin — foi sendo retomada como um dos grandes momentos da criação humana. O que se pode perceber nessa trajetória é que, gradativamente, o texto captou, por meio da ficção, não um movimento, mas vários movimentos da própria sociedade. Sua materialidade se dá em função de sua permanência, influência e importância para os homens, pois mediante ela conhecemos melhor o mundo e a sociedade, além de podermos recriar a partir de suas intuições.

Sentir e pensar. Assim, é preciso pensar na magia que uma obra de arte exerce sobre os homens quando convida a ver a realidade me-

diantes processos não dominados ou pouco utilizados pela ciência tradicional, ou na “exegese, que não se preocupa com o encadeamento exato dos fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas” (Benjamim). Torna-se urgente pensar em todas as dimensões possíveis da existência, sem tornar absoluta uma vertente, seja ela qual for.

Voltando à poética, não há como abandonar a dimensão que permite ao homem descobrir e desenvolver novos (ou velhos) sentimentos. Isso porque as regras de raciocínio, a lógica e o rigor, utilizados como chave única, empobrecem a totalidade da vida e não permitem a plenitude da visão e dos motivos que levam o homem a buscar o desconhecido no afã de esclarecê-lo.

Os sentimentos são propulsores do pensamento mais adequados e constantes do que a mera curiosidade. Uma das consequências mais assustadoras do mundo sem encanto da atual geração é exatamente a constatação de um envolvimento não-emocional com a natureza e com os homens em geral. À medida que eficiência, rapidez, exatidão e precisão substituem contemplação, êxtase, fruição, equilíbrio e comoção, as perdas são enormes, impedindo que o homem “habite” adequadamente seu espaço.

“Na arte, a habitação do mundo percebido pelo sujeito e, em direção contrária, a presença viva deste naquele, fazem parte de uma experiência singular e poderosa que talvez só se possa comparar à do ato amoroso” (Bosi).

Solidariedade e barbárie. Um dos propulsores mencionados acima é o da solidariedade que, na verdade, não cabe nas perspectivas fragmentárias e individualistas do mundo “pós-moderno”. Virtude ou sentimento, considerado

PENSAR E SENTIR

A única coisa que faço sem pressa, até hoje, é namorar. Namorar e sofrer. Nisto sou mestra e ninguém me passa. Eu mesma não entendo minha enormíssima paciência de ficar à toa, só pensando, pensando e sentindo. Produzo angústia e felicidade. Tenho o dom de combinar fragmentos de qualquer coisa para formar outras, que por sua vez formam outras e outras. Nesse trabalho gasto tempo com gosto. As horas passam e eu não vejo. Mamãe me achava preguiçosa. Eu entendo. Muitas vezes adormeci na tarefa de pensar e sentir, confundida naquela felicidade que achava meio pecaminosa. Pensar é a mais nobre função do ser humano! Desde então, desobriguei-me para sempre da culpa de não fazer nada.

Fonte: Adélia Prado, *Os Componentes da Banda*, Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

fundamental por Dostoiévski, a solidariedade não encontra guarida nas atividades contemporâneas. Torna-se necessário realizar uma escolha: buscar o redimensionamento do homem e da sociedade, ou esperar que catástrofes ou cataclismos o façam de forma imprevisível ou aleatória.

Sob todos os pontos de vista, convém reafirmar que a barbárie e o caos já reduziram, em muito, o significado da vida e das coisas. Mesmo sem conferir à estética, em suas diferentes ramificações, atributos miraculosos, a humanidade já conhece seu poder de humanizar, de reaproximar e produzir sentimentos que se expressam na vontade de buscar um mundo melhor.

Elter Dias Maciel é sociólogo e professor da UERJ.

ARTE E TEOLOGIA

Jaci Maraschin

Quando se estuda a história da teologia, vê-se que a obra de arte não ocupa lugar proeminente. Em alguns períodos, nas igrejas, as manifestações artísticas foram até mesmo banidas da liturgia, sob a alegação de blasfêmia ou distração. Mas a Igreja não conseguiu livrar-se da arte com seu sensualismo corporal e sua vitalidade erótica. A arte é fascinante, mesmo quando subjugada

Os filósofos pensam a arte. Conversam longamente a seu respeito. Escrevem tratados de estética para tentar encerrá-la na rede sutil de sua razão metafísica. Os artistas contentam-se em fazê-la. Não estabelecem teorias sobre a arte. A não ser quando praticam a veleidade do contrabando e se tornam parecidos com os filósofos. Mas, mesmo quando a pensam, não é seu pensamento que é artístico. Será sempre a sua obra. Ela pertence a outro mundo, impenetrável ao pensamento metafísico. Talvez venha daí a incessante tentativa de pensá-la. Por outro lado, à medida que penetramos em seu universo não podemos deixar de lado a dimensão do pensamento, posto que seres humanos. Mas não é nessa dimensão que a arte se mostra em sua plenitude.



Nando Neves / Imagens da Terra

Igreja de N. Sra. da Glória do Outeiro, Rio de Janeiro (1714)

Os artistas e a arte. Que é arte? É o que em nossa cultura se chama de arte. Não obstante a aparente redundância da afirmação, é precisamente isso o que ela é. Ela é o que a cultura determina que seja, e esse conluio entre cultura e arte tem atravessado a história humana e toda a geografia. Ela sempre esteve relacionada com a cultura. Suas mudanças entrelaçam-se com as modificações da vida de tal maneira que sempre a consideramos elemento fundamental da vida cultural. A história da arte está ligada inevitavelmente à história da cultura nas diferentes regiões do mundo.

A arte tem qualquer coisa a ver com a beleza. Mas não é sua expressão. Os teóricos sempre quebraram a cabeça para sustentar o primado da beleza na criação artística. Não chegaram a coisa alguma. Pois que coisa misteriosa haveria de ser essa beleza tomada de empréstimo da concepção platônica numa situação tão distanciada da antiga Grécia que a fundara? Os filósofos gregos conseguiam falar em proporção, equilíbrio, verossimilhança e coisas do gênero. Os artistas do Renascimento também quiseram restaurar o mundo antigo. Será que a Capela Sixtina se abre a nossa admiração porque possui qualidades recomendadas por manuais e grandes gênios? Acho que nela, como na *Pietà*, por exemplo, reside outra dimensão que, não obstante todas as proporções e equilíbrios, nada tem a ver com isso.

Iberê Camargo, em recente entrevista a conhecido jornal de São Paulo, expressou o que estou querendo dizer: "Guignard não era um teórico, era um intuitivo. Dizem que arte é coisa mental. Não aceito isso. Se fosse assim, Volpi não tinha pintado um quadro. O pintor nasce feito. Escola de pintura só serve para reunir as pessoas, facilitar amizades e casamentos".

Que é arte? É isso que fazem os artistas. Fazem porque não têm outra coisa para fazer. Porque é o que lhes interessa fazer. É seu modo particular de participar no mundo no qual somos chamados a trabalhar. A arte é seu modo especial de se relacionar com formas, cores, volumes, espaços, tempos e sons. O resultado dessa "poética" (no sentido grego do termo) precisa ser sempre novo. Os artistas fazem o que não havia sido feito antes deles. É por isso que podem ser chamados de criadores. Mas não são criadores de coisas úteis. A arte só é útil enquanto se mostrar fiel à própria inutilidade. A poesia concreta tentou trazer para o leitor de versos mais do que ritmos e rimas: procurou alterar o espaço do livro e do campo visual com engrenagens e arranjos inesperados. Tornou-se arte do corpo. Aliás, que mais poderia ser arte se não fosse, antes de qualquer outra coisa, arte do corpo? Na condição física, corpórea, que é a condição humana, o músculo mistura-se com a mente, e o coração com a vontade de chorar ou sorrir. O corpo é o mistério humano por excelência. Está sempre abrindo-se na mesma medida em que se fecha. A arte é essa abertura e esse fechamento do corpo.

Tem muita gente que pensa que arte é coisa interior, espiritual e profunda. Certamente, é coisa interior, espiritual e profunda. Mas não de um interior sem exterior, de um espírito sem corpo, nem de uma profundidade sem superfície. Van Gogh precisava dos pincéis e de seu maravilhoso amarelo. Não me importa saber o que pensava ou sentia esse artista quando produzia suas deslumbrantes telas. Elas sempre foram coisas. Sim, as telas de Van Gogh sempre foram coisas. E o mundo ficou mais rico com essas "coisas", mesmo se não conseguimos dizer com clareza por quê.

Conheço muita gente que fica

decepcionada ao contemplar a Mona Lisa pela primeira vez. Pensava que deveria sentir um arrepio pela espinha dorsal ou que entraria em transe. E o pequeno quadro ali no Louvre a nossa espreita permanece fechado em seu mistério,

Tem muita gente que pensa que arte é coisa interior, espiritual e profunda. Certamente, é coisa interior, espiritual e profunda. Mas não de um interior sem exterior, de um espírito sem corpo, nem de uma profundidade sem superfície

sem qualquer preocupação com emoções ou lágrimas. A Mona Lisa é a sua própria emoção. Mais do que isso, uma coisa, uma obra de arte.

Instalação. Há pessoas que pensam que o final do século XX representa igualmente o final de muita coisa considerada boa e importante. Conhecemos os profetas do "fim da história" entre os que proclamam igualmente o "fim da arte". Mas a fala dos "fins" é apenas a arrogância humana sempre desejosa de se tornar divina e de criar oráculos. Estive, num dia desses, visitando a "Bienal Brasil Século XX", no pavilhão da Bienal do Ibirapuera (São Paulo). A exposição de 240 artistas, com mais de 900 obras, nos deixa com inúmeras indagações. A primeira delas é sobre a autenticidade da arte brasileira. Terá razão o crítico de arte que pergunta: "Poderia Matisse ter nascido num país do Terceiro Mundo?". Nossa arte brasileira se mostra dependente das grandes matrizes da Europa. Até mesmo nosso Portinari parece



Estudo para o quadro *Santana, a Virgem e o Menino*, de Leonardo da Vinci (1452-1519), principal figura da Renascença

ter sido discípulo de Picasso. Que fez nosso Carlos Gomes senão escrever música italiana considerada por alguns inferior a Verdi, Puccini e Mascagni?

A evolução da arte no Brasil acompanha, igualmente, a evolução da arte no Primeiro Mundo. Não se trata de coincidência. A arte "bonitinha" e "bem comportada" da pré-modernidade, representada por Victor Meirelles, vai

dando lugar a pinturas e esculturas que vão terminar no fenômeno contemporâneo das assim chamadas "instalações". Serão estas o fim das artes plásticas? O mesmo Iberê Camargo lamenta: "A arte está sendo levada para o nada, para a extinção, para a instalação". Depois, ironicamente, conclui: "Gosto muito de instalações sanitárias. Tenho oito aqui em casa. São muito úteis. Em arte, instala-

ção se confunde com teatro, com manifestação das artes cênicas. É outra coisa. A arte virou *shopping center*".

Mas, neste final de século parece que as "instalações" são as obras que sobram na invenção dos artistas e na apreciação do público. Que quer dizer instalação? Será apenas um modismo a mais? O artista faz o que quer com o espaço disponível, desde o uso de entulhos e lixo até a organização simétrica de centenas de barquinhos de papel todos iguais. Talvez modismo não seja a designação correta. Não poderia a instalação se transformar em liturgia?

*A arte só é útil
enquanto se mostrar fiel
à própria inutilidade*

A Igreja e a arte. De que maneira a arte se relaciona com a teologia? Não sei se poderíamos estabelecer com clareza essa relação. A teologia é, por natureza, antiartística. Fundamenta-se no *logos* e se propõe a elaborar intrincados malabarismos teóricos para encerrar as bem-aventuranças divinas nos sistemas da razão metafísica. Não basta que o sistema teológico seja bem construído para ser artístico. A obra de arte não precisa ser bem construída, se entendermos por isso a conformação com padrões estabelecidos *a priori* por escolas ou tradições. A obra de arte transcende o sistema. É verdade que alguns artistas, como Bach e Schoenberg, inventaram sistemas de composição. Mas tais sistemas serviram apenas como andaimes para a edificação da obra, inutilizados logo após.

Quando se estuda a história da teologia, vê-se que a obra de arte

não ocupa lugar proeminente. Em determinados períodos da história da Igreja, algumas de suas manifestações foram até mesmo banidas da liturgia sob a alegação de blasfêmia ou distração. Os que conhecem o assunto devem-se lembrar com certo pesar dos danos causados à arte, tanto pela controvérsia iconoclasta como pelo puritanismo protestante que chegou a destruir importantes instrumentos de música em nome da pureza evangélica.

Por outro lado, a Igreja nunca conseguiu se livrar da arte com seu sensualismo corporal e sua vitalidade erótica. Ela se fez presente por meio da música (cantochoão, Palestrina, Bach, etc.) e pela vitória dos ícones e da estatutária religiosa. Persistiu nos brocados das

co e Rembrandt, não vão lá por causa da teologia ou da religião, mas por causa da arte que aí triunfou não obstante a censura. A arte é, pois, fascinante, mesmo quando subjugada ou utilizada para outras finalidades que pairam, basicamente, fora de seu destino fundamental.

A arte em si. Neste pequeno artigo não estamos fazendo arte, certamente. Estamos falando a respeito da arte. Ao tentarmos esboçar certo relacionamento entre arte e teologia, volta a pergunta já feita anteriormente: Que é arte? É a obra que fazemos sem o auxílio das categorias tradicionais da ontologia ou, se quiserem, da metafísica. Seu paradigma fundamental é o corpo, e o que importa no corpo é

A possibilidade do encontro da teologia com a arte está na recuperação do corpo como paradigma de todo o pensamento e da ação

experiência da encarnação em que o *logos* se transformou em carne ou corpo para que os seres humanos pudessem contemplar a beleza da criação e nela participar “tornando-se como deuses”. Ora, o paradigma do corpo não pertence à modernidade. Esta ainda se apóia na razão, seja ela metafísica ou instrumental. O corpo presta-se mais à metáfora, ao símbolo e ao movimento (portanto, às coisas transitórias).

Na verdade, os religiosos precisam se empenhar num programa de desconstrução da teologia metafísica que nos assola e que se chama temerariamente de “teologia sistemática”. Quando as religiões — e particularmente o cristianismo — descobrirem o segredo da encarnação, entenderão o significado não apenas da transfiguração mas também da ressurreição dos corpos.

Não importa, pois, tanto a reflexão teórica sobre as controvérsias do passado. O que importa é a experiência da arte, ou seja, a fruição direta, sem intermediários, dessas coisas que chamamos de música, poesia, pintura, escultura e arquitetura, entre outras. Nesse caso, no campo religioso, o equivalente seria a experiência da realidade transcendental em nossa realidade corpórea. É por isso que a liturgia passará a ser não apenas o evento mais importante da fé cristã, mas o lugar privilegiado do encontro entre a arte e a teologia.

Jaci Maraschin é teólogo, musicista e pastor anglicano.

MISTÉRIO

O mistério da vida me causa a mais forte emoção. É este sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece esta sensação do mistério ou não pode mais experimentar espanto ou surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos cegaram. Aureolada de temor é a realidade secreta do mistério que constitui também a religião. (Albert Einstein, em seu ensaio “Como vejo o mundo”, 1938).

Fonte: *Mística e Espiritualidade*, de Leonordo Boff e Frei Betto, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

vestes barrocas e no ouro e nas pedras preciosas das capas e mitras. É certo que a Igreja, nesses casos, transformou a arte em sua serva, como, aliás, já se acostumara a fazer o mesmo com a filosofia. Mas nessa servidão, ao se conservar fiel a seu princípio estético, a arte ultrapassou o imperialismo da Igreja e se tornou esplêndida em si mesma no interior do próprio cativo.

As multidões que freqüentam hoje o Museu do Vaticano e a Sixtina, as grandes catedrais medievais e os museus cheios de El Gre-

a percepção estética. Ela situa-se no domínio da experiência humana. Embora essa obra de arte seja hoje em dia objeto conspurcado pela economia de mercado, ela, como arte, não é mercadoria.

A possibilidade do encontro da teologia com a arte está na recuperação do corpo como paradigma de todo o pensamento e da ação. Neste sentido, a teologia teria que deixar de ser “teo-logia”, para ser algo parecido com “teo-poética”, e a “cristo-logia” teria que fazer o caminho inverso ao que a história da doutrina a condenou: voltar à



Encontro de Follas de Reis da Zona Oeste, Rio de Janeiro

Everalbo Rocha / Imagens da Terra

O QUE SALVA O POVO É A MÍSTICA

Leonardo Boff

Onde está a força que faz o povo agüentar tanta injustiça? Em quais fontes ele bebe para continuar, apesar da situação de opressão e sofrimento, a manter esperanças e a capacidade de fazer festas e de expressar alegria?

Se entramos numa favela ou em qualquer bairro popular e perguntamos a alguém “Como vai?”, “Como vão as coisas?”, normalmente ouvimos como resposta: “Tudo bem, tudo jóia”. Na verdade, nada está bem, e a situação social, salarial, familiar é tudo, menos jóia. Contudo, essa pessoa não está mentindo. Está transmitindo um sentimento profundo. Pode parecer até escandaloso, mas o povo marginalizado, oprimido e excluí-

do vive tal superabundância de sentido de vida que justifica as expressões “tudo bem”, “tudo jóia”.

Com efeito, a experiência que muitos de nós fazemos, ao trabalhar com os pobres e oprimidos, não é de pobreza, mas de imensa riqueza antropológica. Lógico, há miséria, opressão e toda sorte de empecilho à vida sensata e boa; não se há de idealizar o universo dos oprimidos. O primeiro contato com esta anti-realidade nos provo-

MÍSTICA

Afirmo com todo o vigor que a religião cósmica é o móvel mais poderoso e mais generoso da pesquisa... o espírito científico, armado fortemente com seu método, não existe sem a religiosidade cósmica. (Albert Einstein, em seu ensaio "Como vejo o mundo", 1938).

Aqui não se trata de uma doutrina ou ideologia, mas de uma experiência fundante da realidade em seu caráter incomensurável à razão analítica. A atitude que dela se deriva é de veneração, encantamento e humildade diante da realidade. Exatamente esta atitude face ao mistério, vivida em profundidade, chama-se mística (L. Boff).

Fonte: *Mística e Espiritualidade*, de Leonardo Boff e Frei Betto, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

ca indignação e um sentimento de profunda solidariedade e até de compaixão, como em Jesus, que deixou escapar sua comoção: "misericórdia super turbas".

Mas basta conviver um pouco com eles para se dar conta de que, por detrás daquela miséria, há muita vida, força de resistência, sentido de liberdade humana, capacidade de relacionamento, fé profunda, calor, fina sensibilidade, aguda percepção artística, enfim, muita sabedoria feita de sofrimento, reflexão doída e observação atenta dos caminhos da vida e da sorte.

Forças que sustentam. É aqui que se levanta a pergunta: O que faz o povo agüentar tanta injustiça? Onde lhe vem essa capacidade de manter o bom humor, de fes-

tejar, de crer e esperar contra todas as esperanças? Uma reflexão estritamente econômica leva à conclusão de que o povo brasileiro é um povo de sobreviventes. O nível de salários e de exclusão política é de tal perversidade que teria, normalmente, levado o povo ao desespero, à violência desenfreada e à total anomia. Apesar disso, tais desgarramentos não têm acontecido. O que sustenta, finalmente, o povo?

Certamente há muitas fontes donde o povo bebe e haure forças para a caminhada que não são aquelas da política e da economia. Mas uma parece essencial: a religião e a mística. O povo brasileiro é religioso e místico. Ele não passou pela crítica do Iluminismo, nem frequentou os mestres da suspeita — Marx, Freud e Nietzsche —, que submeteram a religião a todo tipo de objeção. Para ele, se há uma evidência esta é: Deus existe, podemos chegar a Ele, em tudo existe sempre o outro lado, onde moram os santos, os orixás, os anjos, as forças celestes com as quais estamos permanentemente em contato. Elas são apenas invisíveis mas não ausentes.

O povo é místico porque possui uma experiência direta do sagrado. Não se trata de um saber mediado pela razão e codificado em doutrinas, mas é feito de contatos e de relacionamentos muito pessoais com a divindade. Não fala sobre Deus. Fala a Deus. Já São João da Cruz, no prólogo de seu "Cantido Espiritual", distingue a sabedoria mística da sabedoria escolástica: a mística é acessível a todos mediante a experiência religiosa e a fé-encontro com Deus; a escolástica é apenas para os iniciados nos percursos da razão e do estudo por meio da escola. O povo

possui a sabedoria mística, experiencial.

Emoção e fantasia. Em que radicam a mística e a religião, e que contribuição oferecem à existência? Hoje é quase consenso entre os analistas do fenômeno religioso que o lugar da religião e da mística não é a razão mas a emoção, o desejo, aquele fundo de imaginário e de fantasia donde continuamente o ser humano desentranha utopias, projeções e ideais. É o lado potencial da realidade, ainda não realizado, mas que pode um dia vir a ser ou que o será no horizonte de Deus.

A partir desse horizonte utópico, o ser humano projeta uma visão de globalidade, consegue "re-ligar" todas as coisas e unificar sua própria vida, para além de todas as dilacerações. Deus só possui sentido existencial se significar exatamente a religação de todas as coisas, conferindo-lhe um sentido, mesmo que fique, em ca-

Certamente há muitas fontes donde o povo bebe e haure forças para a caminhada que não são aquelas da política e da economia

sos concretos, obscuro. Mas a certeza de que o emaranhado do bordado, dos fios de várias cores configuram, no outro lado do tecido, uma belíssima rosa, isso é obra da mística, da fé e de sua expressão cultural que é a religião. Portanto, as coisas não estão definidas para sempre. Pode ocorrer em qualquer instante o surpreendente, Deus pode dar um jeito nas coisas e fa-

zer com que, no final, tudo dê certo ou que pelo menos se vislumbre alguma saída ou se proteja o desfecho trágico dos problemas.

Antropólogos como Roberto Da Matta já apontaram como uma das características da cultura popular brasileira a visão relacional da vida. Trabalha-se com várias lógicas, todas incluídas, feitas de jeitinhos e malandragens mas que visam costurar a vida sempre num sentido positivo, aberto e esperançoso. Ao dizer-se quase abusivamente que "Deus, afinal de contas, é brasileiro", se quer afirmar a plusvalia de sentido acima dos absurdos sociais e existenciais. Deus não vai abandonar to-

O povo é místico porque possui uma experiência direta do sagrado.

Não se trata de um saber mediado pela razão e codificado em doutrinas

talmente os seus. Eles podem ser desprezados socialmente, ser considerados zeros sociais e econômicos, não ser escutados por ninguém; mas com o seu Deus sabem que são ouvidos, podem se relacionar diretamente com Ele e com seus santos, podem, como nas religiões afro-brasileiras, emprestar o seu corpo para serem "cavalos" da divindade, para que elas baixem e marquem presença entre os humanos, auxiliando-os, dando-lhes conselhos, fortificando-os na luta pela vida.

Essa religião confere dignidade ao ser humano reduzido a não-pessoa e a excluído da presente ordem. Faz com que ele sempre tenha uma perspectiva de esperança



Festa do Mineiro-pau. Minas Gerais

que é uma verdadeira virtude teológica, porque tem a Deus como objeto e referência. Desta esperança teológica se derivam esperança de vida, de trabalho, de saúde para os filhos, de possibilidade de uma vida melhor para a frente.

Aqui está a fonte secreta donde jorra a água cristalina que revitaliza a força de resistência do povo e que se revela como humor, bonomia, leveza no enfrentamento com os problemas vitais. E o povo, especialmente, nos movimentos sociais e comunitários, mais e mais está dando um passo à frente, avançando na linha da libertação, na medida em que percebe: Deus não quer esta miséria e, como os judeus na escravidão do Egito, devem os pobres se organizar para criar condições de uma arrancada rumo à terra de promessa para todos, isto é, rumo a um tipo de sociedade na qual não sejam tão difíceis o amor e a amizade e se pos-

sam "re-ligar" melhor todas as coisas a Deus.

Acolher estes dados religioso-místicos em nossas análises é enriquecer nossa compreensão da realidade brasileira com as características que ela mesma possui. Ao mesmo tempo, significa honrar o próprio povo, valorizando o que é dele e mostrando o incomensurável trabalho civilizacional que ele, inconscientemente, produz em benefício de todo o País. Quem sabe, este dado signifique também uma colaboração que o Brasil dará a uma civilização planetária que dificilmente se constituirá sem um forte senso de religião, do qual o povo pobre é portador e um testemunho privilegiado?

Leonardo Boff é professor de Ética na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), autor de diversos livros. Integra o Conselho Editorial da revista TEMPO E PRESENÇA.



Jaime Silva / Entase

Candomblé. Terreiro Axé Ofá Omín. Nova Iguaçu, RJ

Sinal da esperança, lugar de refazer a vida pela afirmação de suas dádivas. Brincadeira sagrada, a festa é também ritual da paixão dos santos ou "Encantados" pela vida e pela sua beleza, mesmo que passageiras. É quando se negam os limites — do corpo, do social, da natureza —, dançando e comendo esbanjamento divino

O sentido da experiência religiosa afro-brasileira pode esclarecer-se a partir da consideração de certas categorias que ocorrem no discurso do povo de santo. A expressão "povo de santo" é usada por muitas comunidades que se dedicam aos ritos de origem africana no Brasil, é assim que elas se identificam, particularmente no caso do Candomblé. A rigor, o povo de santo se define pela vivência de uma relação com o sagrado: foi o povo que se consagrou. Mas, como se dá essa relação?

O POVO DE SANTO E O MUNDO DA FESTA

Ordep Serra

Obrigação comum. De muitas formas, por certo. A consagração torna-se plena quando o sujeito assume um compromisso muito profundo, isto é, quando a iniciação o conduz ao sacerdócio. Todavia, mesmo quem não é iniciado num terreiro pode considerar-se membro do povo de santo, se mantém com uma dessas comunidades o vínculo estabelecido por uma "obrigação". Assim se designa qualquer rito ou ato religioso que uma pessoa venha a cumprir numa casa de santo, desde que sua necessidade de realizá-lo tenha sido aí reconhecida e declarada. Pode ser uma oferenda muito simples, mas se essas condições forem dadas, isto é, se houver o reconhecimento prévio e este for manifesto, cria-se, com a realização do ato, um vínculo comunitário: o sujeito liga-se à casa, à comunidade de culto. Esta o abençoa, e ele fica-lhe obrigado por isso e compromete-se com ela. Rompe-se a solidão de sua necessidade.

Ainda que pareça contraditório, a "obrigação" pode ser muito espontânea. Se alguém tem o desejo de fazer um oferecimento, um gesto de devoção, a casa o acolhe, dizendo (pela boca dos dirigentes) à pessoa interessada que tal gesto é, na verdade, necessário. Para a pes-

soa e para a própria casa, que assim também lhe fica obrigada. Uma "obrigação" individual pode tomar, portanto, um sentido que afeta a coletividade.

Existe, todavia, uma "obrigação" coletiva por excelência: a festa. A rigor, ela constitui a razão de ser das casas de santo, pois terreiros existem para festejar — e é assim que eles realizam sua missão maior, a mais importante e indispensável, segundo seus membros.

Na verdade, do ponto de vista do povo de santo, sem festa o mundo não sobrevive: perde o alimento de sua origem, a graça que a presença divina lhe dá. Ainda que se agite, não vive de verdade, fica um mundo morto, ou à beira da morte, feito um traste sujo de banalidade. Sem festa, ele pode desanimar-se. No limite, acaba entrevado, apenas roda sua rotina, esquecidamente. Gastando-se.

Mundo sem festa é imundo.

Mas quando festejamos, a vida o aviventa.

Para quem sabe que a festa virá,

até a rotina tem seu gosto... Sim, até ela tem graça: torna-se uma ciranda boa, festiva pelo avesso.

Brinquedo sagrado. O povo de santo explica, porém, que nem todo festejo é festa. Entre as que merecem o nome, algumas valem mais: são ricas de um poder verdadeiro, da força de Deus. Para realizá-las, exige-se um conhecimento que amadurece pouco a pouco no diálogo dos iniciados.

Em suma, para que não pegue a doença mortal do desencanto, o *ayê*, o mundo dos homens, precisa de festa — e sobretudo daquela que é da competência dos santos, os "Encantados", como eles também se chamam. Mas em que consiste a festa dos "Encantados"? O que eles fazem? Para que se promovem esses ritos do Candomblé, os quais constituem a sua finalidade última?

A festa se faz — dizem os iniciados — para que os santos venham "brincar". É assim que se define a sua atividade mais importante entre os homens, sua realiza-

ção essencial, nesses momentos privilegiados.

Toma-se um grande trabalho para que esse brinquedo se realize: homens e mulheres, pobres na maioria, se afadigam, despendem tempo e recursos preciosos, com dedicação. A generosidade é mãe da festa, que se alimenta de dádivas e do esforço coletivo, exige colaboração, entrega, paciência, entusiasmo, desde os primeiros passos até o fim.

Houve tempo em que era preciso ainda mais: correr sério risco de vexames, enfrentar a perseguição da polícia. Muita gente já apanhou, sofreu cadeia e humilhação, por causa do brinquedo dos santos, por amor à festa... Pois é isso que significa a palavra, de origem bantu, que designa o culto afro-brasileiro do Candomblé.

Não são poucos os que acham difícil entender o comportamento religioso do povo de santo. Os escravos que instituíram aqui esse rito eram considerados por seus amos gente de segunda classe, inferior, limitada; às vezes, os atos



Everaldo Rocha / Imagens da Terra

Jongo, grupo da Serrinha. Comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra, Rio de Janeiro

de culto que realizavam chegavam a ser tolerados porque nem eram percebidos como tais; enxergava-se neles apenas uma diversão dos negros.

Ainda há quem considere as festas do Candomblé pouco mais que isso; há quem as tome por belos espetáculos construídos com muita sensibilidade sobre um fundo de crenças mantidas de modo quase mecânico. Porém, o pessoal dos terreiros protesta com energia contra isso. Diz que o seu culto se realiza ao máximo na festividade, que nas festas os santos “brincam”, de modo que alegre e console os homens, que assim se combatem o aborrecimento, as aflições, a tristeza; mas, de modo nenhum, admite que isso constitua diversão. Pelo contrário, a festa nada tem de fútil, nada de frívolo, nada de passatempo; ela tem a ver com o que há de mais importante, com a essência da vida. É coisa de alta responsabilidade: quem festeja, toca na raiz do mundo e procura sentir os movimentos da Criação. A festa brota dessa fonte, da presença de Deus.

A Criação é toda misteriosa. Ninguém sabe como seria esse fazer divino. Entretanto, há no mundo dos homens um fazer que o povo do Candomblé imagina parecido com esse, uma atividade que guarda semelhança com a do Criador: a atividade de brincar. Na festa, os santos brincam, pois imitam e representam para os homens a presença de Deus. Mas não estão sozinhos, pois os homens participam. Eu quase digo “co-laboram”; todavia, não é o caso de labor, pois o trabalho que dá a festa já é festivo e deve resolver-se na brincadeira santa, jogar-se nela, na imaginação do brinquedo importantíssimo. Realizá-lo é coisa de capricho, de sutil construção, de muita arte.

Enredo da alegria. Antes de mais nada, indispensável é a beleza:

exige-se que a casa, os homens e as mulheres se façam bonitos, como belos têm de ser os santos. A música tece o caminho da revelação, que percorre e entrelaça gestos, cores, formas. Mas esse brinqueado de festa tem uma linguagem privilegiada — a dança —, em que o corpo é todo alma.

Alegria é preciso. Mesmo complexos e elaborados, mesmo exigindo compenetração, os ritos não devem pesar. Há momentos de serena solenidade, outros de arrebatado empolgante; mas sem animação e leveza a festa não progride. E há sempre alguma coisa de engraçado no encontro de santos com a gente,

A festa teima em opor-se à experiência do cotidiano em tudo e por tudo; proclama a riqueza inesgotável do mundo, diz que aumenta repartindo-se

por mais que a reverência e o zelo se interponham. A santidade parece que envolve um certo humor.

Isso não significa que falte o recolhimento. A alegria da festa vem de sua força, mas ela mexe com perigos, com a graça perigosa da origem. Logo no primeiro momento, carece ter muito cuidado: em silêncio, todos esperam que pessoas autorizadas, com longa experiência religiosa, terminem, com sinais de fogo e água, a grande invocação que se dirige primeiro a Deus, em seguida aos Antepassados e às belas matrizes da vida. Espera-se que as solenes cabeças dos mortos iniciadores de nossa viagem se inclinem desde o *orun*, abençoando a festa que nasce. Então o brinquedo pode começar...

Ele é todo comunhão, mas envolve, num momento decisivo, um

ato que a exprime de forma bem concreta: quando se reparte o alimento consagrado. Mesmo quem não é da casa, deve comer, tem esse direito. Aliás, sem a participação dos que vêm de fora a festa não é festa, o santo não santifica.

O povo do Candomblé diz que os “Encantados” gostam do mundo. Amam sua variedade, as formas e as cores passageiras, a vibração da cantiga que acaba. Seu reino perene tem uma estranha paixão pelo efêmero; a festa existe por isso.

Sinal de êxito. Para os homens, ela traz um grande desafio. Teima em opor-se à experiência do cotidiano em tudo e por tudo. No dia-a-dia, prevalece a aplicação no trabalho eficaz, na labuta que promete o ganho. Vê-se o mundo pobre, com poucos recursos para tanta gente; é cada um por sua conta... A festa proclama a riqueza inesgotável do mundo, diz que ela aumenta repartindo-se. Em vez do trabalho sério, privilegia o brinqueado; assegura que brincar é a atividade mais importante de todas. No cotidiano, o certo é poupar, o desperdício não se admite. A festa gosta do exagero, do excesso, do derramamento gratuito, não gosta de poupança... A normalidade exige que cada qual se mantenha senhor de si, na posse controlada de si mesmo. A festa quer o êxtase, o arrebatado, a viagem das almas de umas para as outras.

No dia-a-dia, quando uma pessoa falha, diz-se agora que ela “dançou”. A festa garante que dançar é o maior dos sucessos, o sinal do êxito pleno, a grande realização. Pois Deus é o dançarino e o ser é sua dança. A festa é uma doída de Deus. É a razão do povo de santo.

Ordep Serra é antropólogo, professor da Universidade Federal da Bahia, Ogã do Terreiro da Casa Branca (Salvador/BA).

“O SERTÃO É DELE”

ALGUMAS IMAGENS DE DEUS E OUTROS EM JOÃO GUIMARÃES ROSA

Carlos Brandão

Estes escritos são para o Manuelzão,
lá no Andrequicé, de Minas

*Todo mundo é louco.
O senhor, eu, as pessoas todas.
Por isso é que se carece
principalmente de religião,
para se desendoidecer,
desdoidar. Reza é que sara
loucura. No geral. Isso é que é
a salvação da alma... Muita
religião, seu moço!*

(Grande Sertão, Veredas, 15)



Convenhamos. Está bom que Deus seja mesmo tudo isso que dele dizem as melhores palavras escritas nos livros ou nos corações mais fervorosos. Ele pode ser até tudo: “todo-poderoso”, “onipotente”, “omnisciente”, absolutamente “justo” e “amoroso”, “eterno”, fora do tempo e senhor dele, “imutável” (o que é uma lástima, mas enfim...) e “perfeito”. Tudo bem que Ele tudo possa em todas as dimensões, pelos séculos afora, da mínima pequenez do cosmos à imensidão surpreendente de vida que existe em cada um de nós.

Mas há uma coisa que Ele não pode controlar, nem antes e nem agora: que as pessoas o sintam. Que este mesmo Deus uno, único, etc, dentro da gente seja vivido com tanto sentimento, com tantos sentimentos tão desiguais. E entre os homens, então? Nem falar! Pois como

somos dentro de casa e entre os povos da Terra tão diferentes, quem pode nos obrigar a experimentar a presença, o afeto e a idéia de Deus da mesma forma que os outros? Quem? Nem Ele!

Uma das coisas mais tristes a respeito desse outro tão estranho chamado “deus”, ou uma infinidade de nomes e nomes para esconder o nome, é que sempre se pensa que ninguém sabe senti-lo melhor do que os santos, e ninguém sabe falar dele melhor do que os teólogos ou outros profissionais de Deus. Puro engano!

Vejam. Que teólogo poderia nos dar de Deus um sentimento mais preciso do que isto: “Deus é o que sabe o por não vir”? (Arroio das Antas, Tutaméia, 18). Ou, então, esta seqüência que eu quis ir buscando aqui e ali, na qual Deus se mistura devagarinho com os tempos dos

gestos. Primeiro, João Guimarães Rosa diz assim: “Devagar também é pressa” (*Estas Estórias*, 121). E depois lembra: “Deus é urgente sem pressa, o sertão é dele” (*Grande Sertão, Veredas*, 380). Ainda: “Deus existe sim, devagarinho, depressa. Ele existe — mas quase que só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus... o grande sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?” (*Grande Sertão, Veredas*, 260).

Pois se Ele existe e nós também, se o que Ele criou não está acabado e toca aos homens acabar de criar, é só por causa da amorosa conseqüência disso que entre Ele e nós tudo é tão bom, e tão difícil. Pois “Deus não quer consertar nada a não ser pelo completo contrato: Deus é uma plantação” (*Grande Sertão, Veredas*, 258).

A melhor maneira de falar de Deus é por meio do Diabo, pois

um é o outro ao contrário, até mesmo dentro do homem. Isso, mesmo quando se sabe que Deus existe de verdade, em pessoa e tudo, enquanto do Diabo, até do existir se duvida. “Deus é paciência. O contrário é o Diabo” (*Grande Sertão, Veredas*, 16). “Deus come escondido e o Diabo sai por toda a parte lambendo o prato” (*Grande Sertão, Veredas*, 46). Pior que tudo: “... a gente receia de fazer quando Deus manda, depois quando o Diabo perde, se perfaz” (*Grande Sertão, Veredas*, 38).

Mas é que Deus pode ser diferente de como nós fomos acostumados a senti-lo, como quando pensamos nele por meio de um poder tão grande que Ele nem pode ser bom, ou quando, ao contrário, ele acaba sendo um ser tão exageradamente amoroso que nem consegue ser justo. Pois se Deus é a experiência da plenitude dos nossos melhores devaneios, há de ser porque o que existe nele de melhor é ser só um pouquinho mais humano do que nós, mesmo quando é o dono de todos os poderes. “... o diabo é às brutas; mas Deus é traçoeiro! Ah, uma beleza de traçoeiro — dá gosto! A força dele, quando quer... me dá o medo pavor. Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho — assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza” (*Grande Sertão, Veredas*, 21).

“Não é, mas finge de ser”

(*Grande Sertão, Veredas*, 229). Este é o Diabo, o fingidor, de quem nem nunca se sabe se existe ou não, ou se, existindo, é somente dentro da gente, quando já não há mais aí o lugar de Deus, esse difícil. “O que não é Deus é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver — a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo” (*Grande Sertão, Veredas*, 49).

Pois, “o diabo não é inteiro nem invento” (*Arroio das Antas, Tutaméia*, 23); e se ele, o Tinhoso, o Tentador, tenta, é porque pode sempre ser vencido. Enquanto Deus põe à prova e

não quer nunca ser vencedor, mas vencer com o homem, por meio dele, cada vez. Esta é a maior diferença. “É preciso de Deus existir a gente, mais; e do diabo divertir a gente com sua dele nenhuma existência. O que há é uma coisa certa — uma só, diversa para cada um: que Deus está esperando que esse faça” (*Grande Sertão, Veredas*, 237).

“Deus é quem ajuda: que manda a doença antes da saúde” (*Uma estória de amor, Manuelzão e Miguilim*, 167). Ah, Deus, este ser do sentimento de que tudo tem sentido e então a vida pode ser vivida cheia de destino.

“Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é



Ciro Fernandes

possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há de a gente perdidos no vai-vém, e a vida é burra... Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma!" (*Grande Sertão, Veredas*, 48).

Este é um modo cheio de poesia para dizer que a existência em nós de Deus é liberdade, pois é com ele que tudo se pode, porque há caminho e volta. E há a alegria, pois se "a tristeza e o aboio de chamar o demônio" (*A hora e vez de Augusto Matraga, Sagarana*, 339), Deus é outra vez o contrário. "O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim, de repente, na horinha em que se quer, de propósito — por coragem" (*Grande Sertão, Veredas*, 242). O sacrifício do homem a vida já tem, e por isso o que Deus não quer é ele, pois basta o dele. Ele quer mesmo é que os homens aprendam a dar a si mesmos e aos outros o sentimento mais verdadeiro do afeto do amor, a alegria: "mas a Deus só se pode dar uma coisa: a alegria" (*Do diário em Paris, Ave Palavra*, 81). Eu, um homem "preso na praça de Deus, como peixe em nenhuma rede" (*Do diário em Paris, Ave Palavra*, 81).

Eu queria sair um pouco dos textos escritos de João Guimarães Rosa e trazer alguma coisa de

suas idéias sobre os homens e Deus, quando elas foram ditas de uma forma mais direta, numa entrevista, por exemplo. Mas quero fazer isso com um paralelo fascinante entre ele mesmo e um personagem seu, Riobaldo Tatarana, que foi até aqui quem falou, quando as frases eram do *Grande Sertão, Veredas*. Começemos por ele, portanto.

"Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo mundo é louco. O senhor, eu, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião, para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara loucura. No geral. Isso é que é a salvação da alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardeque. Mas quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando belos hinos deles. Tudo me quieta, me suspende. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar — o tempo todo. Muita

gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável. E eu! Bofe! Detesto! O que sou, que faço, que quero, muito curial. E em cara de todos faço, executado. Eu? — não tresmalho!" (*Grande Sertão, Veredas*, 15)



Agora, eis um raro momento dele mesmo, a pessoa de João Rosa falando por si sobre a religião de sua gente e a sua.

"Nós, os brasileiros, estamos firmemente persuadidos, no fundo de nossos corações, que sobreviveremos ao fim do mundo que acontecerá um dia. Fundaremos então um reino de justiça, pois somos o único povo da Terra que pratica diariamente a lógica do ilógico, como prova a nossa política. Esta maneira de pensar é consequência da 'brasilidade'. Outro exemplo, desta vez referente a mim mesmo, para que você possa acreditar tranquilamente — estou certo de que você fará esta pergunta durante nossa conversa, por isso antecipo a resposta. Eu não sei o que sou. Posso bem ser um cristão de confissão



sertanista, mas pode ser que eu seja um taoísta, à maneira de Codisburgo, ou um pagão à la Tolstoi. No fundo, tudo isto não é importante. Como homem inteligente, às vezes pode-se sentir necessidade de se tornar um beato ou um fundador de religiões. A religião é assunto poético e a poesia se origina da modificação de realidades lingüísticas. Dessa forma pode acontecer que uma pessoa forme palavras e na realidade esteja criando religiões” (entrevista a Lorenz, 1979, 16). Com o que se demonstra que em nós também, imortais humanos, “no princípio era o verbo”.

Somos mais. Somos aqueles a quem Deus presta contas, pois quem ama o que cria serve ao criado com amor, mesmo depois disso. Somos quem continua o

trabalho incompleto de um Deus artista, arteiro e cheio de confiança, talvez mais em nós, sujeitos da história através da vida, do que nele mesmo, senhor de uma e criador da outra. Vejam vocês, na mesma entrevista:

“Isto provém do que eu denomino a metafísica de minha linguagem, pois esta deve ser a língua da metafísica. No fundo é um conceito blasfemo, já que assim se coloca o homem no papel de amo da criação. O homem, ao dizer ‘eu quero’, ‘eu posso’, ‘eu devo’, ao se impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação. Eu procedo assim, como um cientista que também não avança simplesmente com a fé e com pensamentos agradáveis a Deus. Nós, o cientista e eu, devemos encarar a Deus e o infinito, pedir-lhes contas, e, quando necessário, corrigi-los também, se quisermos ajudar o homem. Seu método é meu método...” (entrevista a Lorenz, 1979, 13).

Eu não vejo nenhuma espécie de exagero nestas idéias de um sentimento amoroso, cujo maior desejo é aproximar humanamente Deus dos homens, pois isso parece muito mais fácil e inteligente do que o contrário. Eu, que nunca fui um hermeneuta destes mistérios, sempre desconfiei que foi por causa do oposto, isto é, um enorme distanciamento entre um Deus muito infinito e nós, pessoas, muito miseráveis, que os homens inventaram não tanto as religiões, mas a distância entre elas e entre todas elas e o coração de Deus. O mesmo Deus que nos pede a alegria, o rosto risonho do amor por Ele e entre nós, não deseja nos dar menos do

que a plenitude. Só que ela é simples como a beleza sobre a qual não se pensa, mas se intui, se revela, se inspira... se vive “em tudo”, agora, mais do que “no todo”, lá longe e num dia muito distante.

“Ora, você já notou decerto que, como eu, os meus livros, em essência, são ‘antiintelectualistas’ — defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, da megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanishad, com os evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff, com Cristo, principalmente. Por isso mesmo, como apreço de essência e acentuação, assim gostaria de considerá-los (*ele fala de seus livros, de seus temas e dimensões*): a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b) enredo: 2 pontos; c) poesia: 3 pontos; d) valor metafísico-religioso: 4 pontos” (correspondência com seu Tradutor Italiano, 1981, 58).

Começamos com o tempo em Deus. Terminemos com ele em nós. “Sou escritor e penso em eternidades. O político pensa apenas em minutos. Eu penso na ressurreição do homem” (entrevista a Lorenz, 1979, 11).

Pois de resto, em tudo, “Deus esteja!” (vários livros, várias páginas).

Carlos Rodrigues Brandão é antropólogo, poeta, e integra o Conselho Editorial de TEMPO E PRESENÇA.

TEMPUS FUGIT; CARPE DIEM

O TEMPO FOGE; CURTA O DIA

Rubem Alves



*O tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase maliciosos,
Sentir-nos ir,
Tendo as crianças
Por nossas mestras
E os olhos cheios
De natureza...
(Alberto Caeiro)*

Kierkegaard diz, em suas meditações por nome "Pureza de Coração", que "a pessoa que fala sobre a vida humana, que muda com o decorrer dos anos, deve ter o cuidado de declarar a sua própria idade aos seus ouvintes".

Trata-se de um conselho estranho para aqueles que vêem a vida com os olhos da ciência, porque, para eles, os olhos permanecem os mesmos, não são afetados pela passagem do tempo. Um bom par de óculos pode resolver o problema da visão diminuída.

Kierkegaard sabia o que os oftalmologistas não sabem: com a idade, os olhos não ficam mais fracos. Ele ficam diferentes. Sob a luz do sol a pino eles vêem coisas luminosas. Sob a luz do crepúsculo eles começam a ver as criaturas delicadas que não suportam luz em excesso. O amor prefere a luz das velas.

Gaston Bachelard, em seu lindo livro "A chama de uma vela", diz que "parece existir em nós cantos sombrios que toleram apenas uma luz bruxuleante. Um coração sensível gosta de valores frágeis. As fantasias da pequena luz nos levam de volta ao reduto da familiaridade..."

Assim estão os meus olhos, assim estou eu, pois sou a luz que meus olhos emitem. Não foi isso que Jesus disse (Mateus 6.22)? Penso que ele aprovaria se me ouvisse dizendo: "Os olhos são as lâmpadas do corpo. Se teus olhos forem

crepusculares, crepuscular também será o teu corpo..."

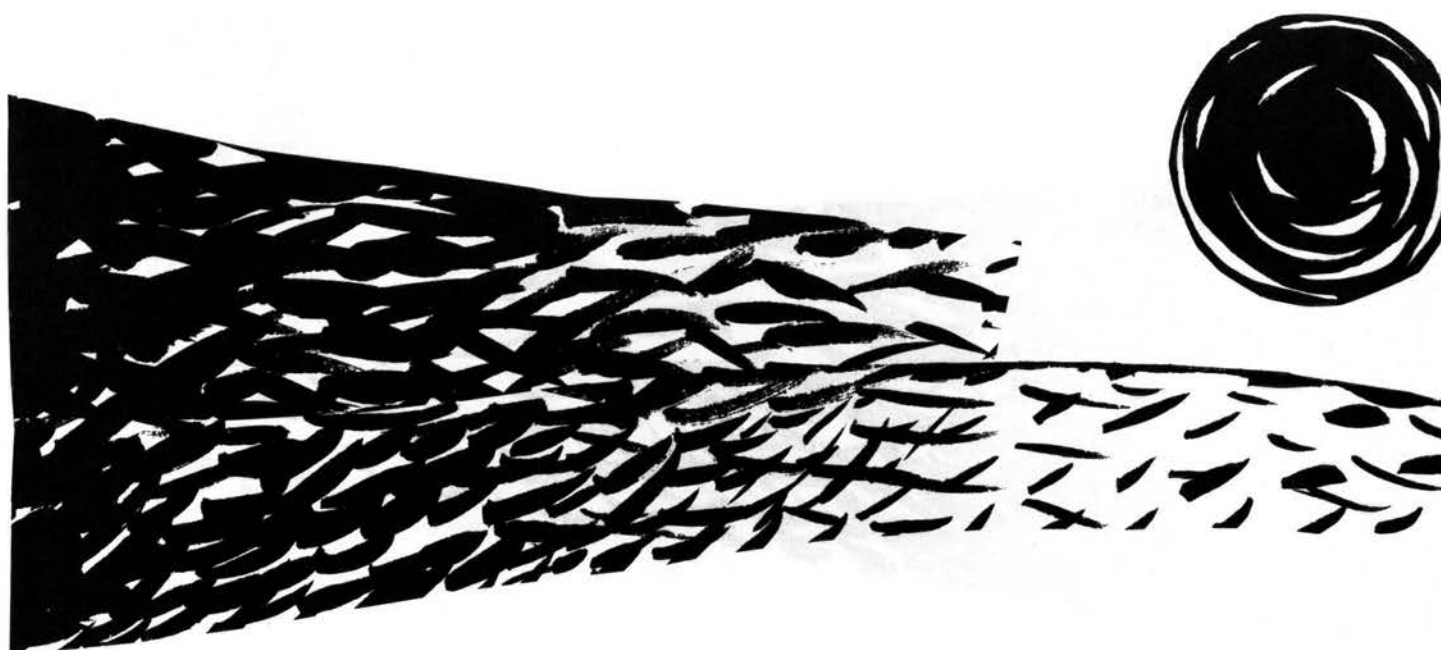
Quando se vive sob a luz da manhã, ainda há muito tempo pela frente, e se pensa que a vida começará a ser vivida depois de havermos colocado a casa em ordem. Há tanta coisa para ser feita! Felizmente sabemos que as nossas mãos transformarão o mundo! Marx nos ensinou que é isso o que importa. E a boca se enche de palavras de ordem e de imperativos éticos e políticos. Ser cristão é fazer!

Quando se vive sob a luz crepuscular — a hora do *Angelus* —, sabe-se que o trabalho ficou inacabado, o trabalho fica sempre inacabado, o tempo se encarrega de desfazer o que fizemos, as mãos ficam diferentes, deixam de lado as ferramentas, retorna-se ao lar, corpo e alma "voltam ao reduto da familiaridade".

Ao meio-dia se fazem trabalho e política. Ao crepúsculo se faz poesia. Ao crepúsculo se sabe que não seremos salvos pelas obras. Ao crepúsculo se retorna à verdade evangélica e protestante que afirma que somente a Palavra nos salvará. Ao crepúsculo comemos palavras: é a hora sacramental a hora da poesia. Ao crepúsculo se sabe que o que importa é "ser", simplesmente "ser"...

Não, o interesse pelos sofrimentos dos homens não foi perdido. É que na hora crepuscular se compreende que "mundos melhores não são feitos; eles simplesmente nascem" (E. E. Cummings). Há uma revolução que se faz com poesia e alegria. É Neruda que o diz. A Reforma Protestante foi feita com música, cantando. Caminhando e cantando...

O ser diante da chama da vela: só olhos, só fantasia; ou diante de uma sonata de Beethoven (ah! Lênin dizia que poderia ficar ouvindo a *Appassionata* o dia inteiro, e se alegrava de que aos homens esse poder tivesse sido dado de produzir a beleza, e ficava com vontade de sair à



rua e começar a abraçar as pessoas — o que é muito perigoso para quem está vivendo sob as ilusões do meio-dia...); ou como diante de um poema de Alberto Caeiro:

*Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos
E dar-nos-á verdor na sua primavera
E um rio aonde ir ter quando acabemos...*

Os deuses do meio-dia não são os mesmos do crepúsculo.

Interessante notar que o dia bíblico começa com o crepúsculo, quando o sol se põe... Talvez essa seja a maneira certa (já que Deus faz tudo ao contrário), tomar como início aquilo que nossa vã sabedoria sempre achou que fosse o fim. Começar do fim... Aliás, é este o conselho que o matemático polonês Polya dá àqueles que querem aprender a resolver problemas de matemática: "Comece sempre pelo fim!". Se ainda tivéssemos Pitágoras por nosso mestre, diríamos que o que é verdade para a matemática tem de ser verdade também para a alma. Começar pelo fim! Ver a vida inteira sob a luz crepuscular!

Ao meio-dia o céu é um imenso mar azul. O tempo está parado, imobilizado. Ao crepúsculo tudo se altera: o mar imóvel se transforma em rio, as águas correm cada vez mais rápidas, as cores se sucedem, o azul passando ao amarelo, ao rosa, ao vermelho, ao roxo, para, finalmente, mergulhar na noite.

"Especialmente na medida em que se vai ficando mais velho", diz Alan Watts em seu livro sobre o Taoísmo, "vai-se tornando óbvio que as

coisas não têm substância, pois o tempo passa cada vez mais rapidamente, de forma que nos tornamos conscientes da liquidez dos sólidos; as pessoas e as coisas se transformam em reflexos e rugas na superfície da água".

Kierkegaard estava certo. É preciso dizer a idade. Os olhos crepusculares não são olhos que vêem menos: são olhos que vêem diferente. Eles vêem sob a perspectiva da Morte. Pois é ela, a Morte, que se nos aparece ao crepúsculo. É só ela que nos permite ver o crepúsculo.

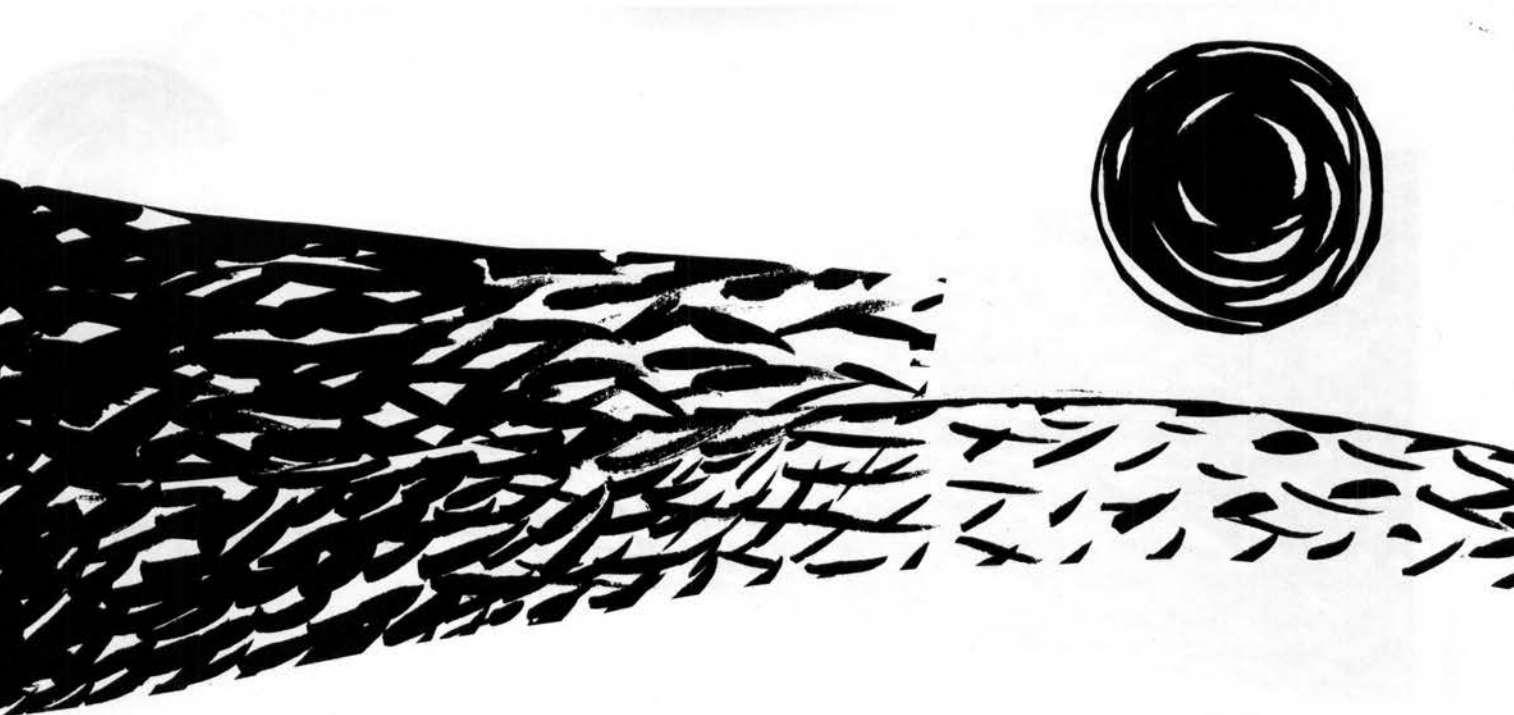
*As nuvens que se ajuntam ao redor do sol
que se põe
ganham suas cores solenes de um olho
que tem atentamente vigiado a mortalidade
dos homens...*

Estes são versos de William Wordsworth. Não, não são as cores lá fora que são belas e tristes. São as cores crepusculares que moram dentro do olhar...

Talvez você tenha-se assustado, quando me referi à Morte. É compreensível. A vida inteira ouvimos falar mal dela. E as religiões até fazem tudo para matar a morte, para que não haja crepúsculos no mundo, para que o sol esteja permanentemente a pino. "Mas ao matar a morte a religião nos tira a vida", diz Octávio Paz. "A eternidade despoeva o instante. Porque a vida e a morte são inseparáveis. Tirando-nos o morrer a religião nos tira a vida. Em nome da vida eterna a religião afirma a morte desta vida".

O crepúsculo é belo por causa do rio, o fluir do tempo que faz as cores mudarem...

Ouçó, de Holst, o poema sinfônico "Os Planetas". Neste momento, é "Vênus: o que traz a alegria". Também a sua beleza depende do



tempo que passa — os acordes se vão para dar lugar aos que vêm, até que chegarão ao fim e eu direi: “Que lindo! Pena que acabou!”.

A Vida e a Beleza só existem por causa da Morte, que torna possível que elas dançam.

D. Juan, o bruxo do livro de Castañeda, “Viagem a Ixtlan”, chama a Morte de “conselheira”. Ela nos torna mais sábios. Não é por acaso que a sabedoria está associada à velhice. Hegel dizia que a coruja de Minerva só abre suas asas no crepúsculo. E Roland Barthes, ao ficar velho (mas era bem mais moço do que eu), afirmava que naquele momento ele se entregava ao esquecimento de tudo o que aprendera a fim de poder chegar à sabedoria.

Que sabedoria nos ensina a Morte? É simples. Ela só diz duas coisas. Primeiro, nos aponta o crepúsculo, a chama da vela, o rio, e nos diz: “*Tempus Fugit*” — o tempo passa e não há forma de segurá-lo. E, logo a seguir, conclui: “*Carpe Diem*” — colha o dia como quem colhe um fruto delicioso, pois esse fruto é a dádiva de Deus.

Os poetas e artistas têm sabido sempre disso. Porque a arte é isso, pegar o eterno que cintila por um instante no rio do tempo. Como está escrito neste lindo poema de Paul Bourget que Debussy musicou e a Barbra Streisand gravou no maravilhoso CD “Classical Barbra”:

*Quando, ao sol que se põe,
os rios ficam cor rosa,
e um leve tremor percorre
os campos de trigo,
parece das coisas surgir uma súplica de
felicidade
que sobe até o coração perturbado.
Uma súplica de beber o encanto de se estar
no mundo*

enquanto se é jovem e a noite é bela.

*Pois nós nos vamos,
como se vai esta onda:
Ela, para o mar,
nós para a sepultura...*

Num dos cadernos de Camus se encontra o seguinte parágrafo: “Os pássaros, durante o dia, voam em todas as direções. Ao cair da noite, entretanto, dir-se-ia que eles voam para um mesmo lugar. Assim, talvez, ao cair da noite da vida...”.

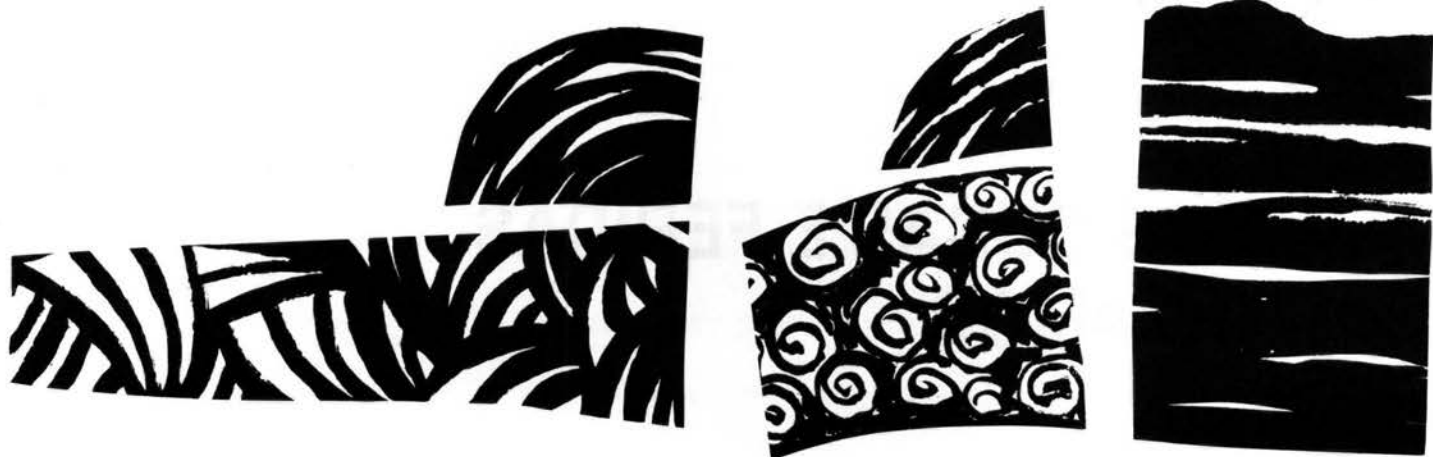
Eu me sinto assim: ao chegar o crepúsculo as muitas palavras que escrevi, em todas as direções, se reduzem a algo extremamente simples. Aconteceu assim também com Jorge Luis Borges, já bem mais velho do que eu.

*Se eu pudesse viver novamente a minha vida,
na próxima trataria de cometer mais erros.
Não tentaria ser tão perfeito. Relaxaria mais.
Seria mais tolo ainda do que tenho sido. Na
verdade, bem poucas coisas levaria a sério.
Seria até menos higiênico.*

*Correria mais riscos, viajaria mais,
contemplaria mais entardeceres, subiria mais
montanhas, nadaria mais rios. Iria a lugares
onde nunca fui, tomaria mais sorvete e menos
sopa. Teria mais problemas reais e menos
problemas imaginários.*

*Eu fui uma destas pessoas que viveu sensata
e produtivamente cada minuto de sua vida.
Claro que tive momentos de alegria mas, se
pudesse voltar a viver, trataria de ter somente
bons momentos. Porque, se não o sabem,
disso é feita a vida, só de momentos. Não
percam o agora.*

*Eu era um desses que nunca ia a parte
alguma sem um termômetro, uma bolsa de*



água quente, um guarda-chuva e um pára-quadras. Se voltasse a viver, viajaria mais leve. Se eu pudesse voltar a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o fim do outono. Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez uma vida pela frente.

Mas, já viram, tenho oitenta e cinco anos, e sei que estou morrendo... (Jorge Luis Borges)

Ricardo Reis disse a mesma coisa num poema mais curto:

*Dia em que não gozaste não foi teu:
Foi só durares nele. Quanto vivas
Sem que o gozes, não vives.*

*Não pesa que amas, bebas ou sorrias:
Basta o reflexo do sol ido na água
De um charco, se te é grato.*

*Feliz o a quem, por ter em coisas mínimas
Seu prazer posto, nenhum dia nega
A natural ventura.*

Beber o encanto de estar no mundo! Não importa que ele nos venha em pequenos fragmentos de alegria, de riso, de compaixão, de amizade, de silêncio, arroz e feijão, o abraço de amor, a poesia, as coisas do dia-a-dia. Se você não sabe sobre que estou falando, por favor, leia a poesia de Adélia Prado. São sacramentos, fragmentos de uma felicidade que nos toca de leve, para logo se ir. A felicidade é assim, não é coisa grande que vem para ficar. Sabe disso Guimarães Rosa, que dizia que ela só acontece em raros momentos de distração. Mas é justo assim que Deus vem, quando estamos distraídos, eternidade num grão de areia, reflexo do sol ido na água de um charco.

Tudo é um grande brinquedo. Brinquedo: coisa mais alegre e efêmera haverá? E é isso que nos ensina a Morte, que a vida é brinquedo, não pode ser levada a sério — o que nos torna humildes e livres das alucinações de importância

e de poder. Desenhos de conchas na areia, como aquele imenso cavalo-marinho de caracóis que o menino, do filme “O Piano”, fez na praia, enquanto sua mãe tocava... Coisas que uma criança faz na praia, casas, castelos, túneis, caminhos...

*E assim, num dia de tempo calmo,
embora estando em ilha distante,
contemplamos o mar imortal
que nos trouxe até aqui,
e vemos na praia as crianças brincando
e ouvimos as fortes águas eternamente
rolando...*

(E. E. Cummings, citando W. Wordsworth)

Logo a maré, durante a noite, apagará tudo, e pela manhã a praia estará maravilhosamente lisa, todas as cicatrizes saradas, como se nada tivesse acontecido. Haverá metáfora mais bela para o perdão? E o brinquedo poderá começar de novo. Aquilo que foi amado deve ser repetido. Por isso afirmamos: “Creio na ressurreição do corpo”: o que foi, voltará.

*O que aconteceu acontecerá de novo,
o que já foi feito será feito de novo,
nada de novo há debaixo do sol.*

(Eclesiastes 1.9)

Tempus Fugit.

*Vai, portanto, come a tua comida e alegra-te
com ela,
bebe o teu vinho com um coração feliz.
Veste-te sempre de branco
e que não falte óleo perfumado nos teus
cabelos.*

*Goza a vida com quem amas todos os dias da
tua vida...*

Pois Deus já aceitou o que fizeste...

(Eclesiastes 9.7)

Carpe Diem.

Rubem Alves é teólogo e poeta.

DAS CURAS E FERIDAS DO AMOR

Ivone Gebara

Ah! Se, ao menos por um instante, eu pudesse tocá-lo, sentir-me-ia melhor.

Ah! Se eu pudesse experimentar o que dizem dele as multidões famintas e os poetas sem nome.

Ah! Se eu pudesse sentir em meu corpo os efeitos curativos de sua força, certamente estaria em paz.

Errante, dobrada pela dor, carrego em mim um fardo estranho. Parece um fardo milenar, fardo de mil fardos passados e presentes.

Carrego em mim minha história e mil outras gritando em meu peito. São gritos constantes, de dor e de alegria, de paz e de guerra.

Com eles atravesso a multidão de homens, e eles não sentem o que sinto. Cruzo seus caminhos e não vêem a minha dor. Pergunto e não me respondem. Grito e não me ouvem. Olham-me, abraçam-me, usam-me, compram-me, vendem-me, crucificam-me... ressuscitam-me num céu bem distante deles.

Pesa em meus ombros um fardo imenso... Não percebem que estou ferida, que minhas entranhas estão sangrando, que a vida se esvai em mim, que a terra chora em minha carne! Correm, ocupados, preocupados com previsões, equações, sanções, eleições. Brigam com conceitos, defendem leis, punem com princípios e não vêem que estou bem perto, chamando, chamando...

Continuo buscando de dia e de noite a vida em mim. Com olhos abertos e cansados, sem cessar procuro um alívio para minha dor, um alimento para minha esperança...

E, um dia, a busca se fez carne no corpo anônimo da mulher da multidão. Cheia de espanto, como por encanto, cessou seu pranto. Sentiu acontecer a magia do amor. Apenas tocando em suas vestes, o sangue estancou, a ferida cicatrizou e a graça fez nela morada. Foi uma festa imensa, regada do melhor vinho de Caná, festejada com todos os esquecidos da cidade. Lá estavam viúvas, crianças, coxos, mancos e cegos. Não faltaram as prostitutas e os

ambulantes em trajes de festa. Incluíam-se os mal-amados, ansiando pela mesma sorte da mulher que sorria curada.

A mulher, agora feliz, pensou que a cura teria nela morada eterna, que feridas como a antiga não voltariam mais e que seu sangue não jorraria em vão.

A voz distante da velha Sabedoria entoou: "Eterna ilusão das que são tocadas e curadas pelo amor!"

De novo a Vida feriu o corpo da mulher, fez de novo jorrar o sangue, enfraquecer a luta, ocultar a alegria. A nova dor parecia mais intensa e mais incompreensível. E, de novo, a velha voz da Sabedoria cantou: "As dores do presente parecem sempre as mais intensas!"



Marta Strauch

A mulher, mais uma vez alquebrada pela dor, gritou indignada à Vida: “Por que me feriste de novo? Por que de novo me invades, machucas meu corpo e me arrancas a paz? Busquei tanto o Amor e quando enfim o vislumbrei, quando consegui tocá-lo, quando o amei, tu o arrancas de mim? Por que és tão cruel? Por que me ofereces o remédio, e quando curada me feres de novo?”.

E a Vida, num sorriso tragicômico, respondeu à mulher: “É porque o amor tem vida frágil. Ele existe para ser buscado, degustado num breve instante, cantado como eterno em sua eterna fragilidade. O amor precisa sempre estar a caminho, errante sem pousada certa, caminhante sem rumo preciso. Não se pode detê-lo,

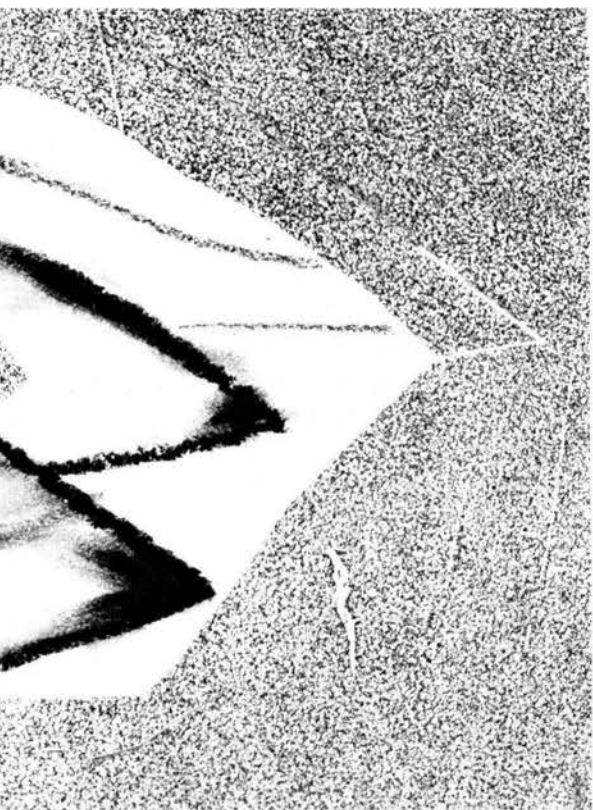
guardá-lo num cofre forte, nem temer a sua partida. Ele não ceita sepulturas e nem altares. Não aceita ser o herói nem o vilão da festa. Não tem papéis e pode estar em todos eles. Não tem hora certa, nem relógio, nem agenda. Acontece sem avisar, e às vezes avisa, mas não acontece. O amor é louco, sem sentido e cheio de sentido. Entrega-se, mas não se deixa possuir... Mata a fome hoje, mas não a sacia para sempre. Tem gosto de pão, de carne, de vinho, de sangue... gosto de mil sabores e mil odores, e nenhum pode esgotá-lo. Ele é todo-poderoso no seu frágil e efêmero poder. Ele é sem poder, mas pode tudo quanto quer. Derruba reis de seus tronos e torna reis os humildes. Canta suaves baladas de amor e grita estridentes clamores de justiça. Vem como a brisa suave que atravessa os dias quentes e se vai, e depois faz a gente ansiar desesperadamente por sua volta. Aparece como um raio de sol em pleno inverno... ou como o abraço envolvente de corpos amantes. É como o feijão gostoso caindo em estômagos famintos, ou como a boa água da fonte para os caminhantes sedentos. É como as flores do campo em plena primavera ou como o canto dos pássaros nas manhãs de domingo. A monotonia não o atrai, as definições estáticas o repugnam, e os códigos rígidos o espantam. Se permanecer parado, morre. Vive sempre correndo, sem descanso, revelando-se a uns e a outras para sempre continuar vivo. O Amor é insaciável, irmão da Justiça e da Paz. Só vive provocando sede, só cresce se o deixarmos livre, só volta se o coração estiver sempre aberto”.

E a mulher disse de novo à Vida: “Dá-me de novo a sede do Amor, abre em mim a ferida do desejo, ajuda-me a buscar o perfume mais caro, para ungi-lo quando de novo o encontrar”...

E a Vida respondeu: “Esta sede, este desejo sem fim, esta busca infinda estão em você”. E, devagarinho, aproximou-se da mulher e, num gesto de imensa ternura, lhe disse: “Tomai e comei, este é o meu corpo sempre entregue em meu corpo. Tomai e bebei, este é meu sangue correndo em teu sangue”.

E a mulher, em silêncio, ouviu as palavras da Vida e lhe respondeu baixinho: “Faça-se em mim segundo a tua palavra”.

Ivone Gebara é teóloga católica.



A ERÓTICA DO ARREBATAMENTO

Paulo César Loureiro Botas



Já sei a Eternidade: é puro orgasmo.
(Carlos Drummond de Andrade)

Durante séculos, como o amor e a paixão, o “Cantar dos Cantares” foi um livro maldito. Proibido para a maioria dos leigos, religiosos e seminaristas, conta a lenda que suas páginas eram seladas nas bibliotecas conventuais. O que poderia haver de tão perigoso no livro? Que segredos de alcova poderia conter que cobriria de vergonha os santos homens consagrados? Conta a lenda que só poderia ser lido depois de uma idade avançada pelos padres e freiras, tamanha a periculosidade dele. As exegeses mais recentes mostram que o perigo está em revelar o amor e a paixão vividos em sua dimensão primeira, a da corporeidade entregue em êxtase e ternura: “Beijame com beijos de tua boca!” (1.2).

A partir desse momento, a revelação evidencia que a beleza da corporeidade vivida em sua plenitude erótica é o que conduz à contemplação divina do Amor. O livro, escrito em terra de Canaã, onde a religião é a da fecundidade, lembra também que Javé é o Deus-que-faz-amor-sem-cessar. “Eu sou Aquele que Sou”. A mística vivida em profundidade só encontra sua plena expressão na erótica dos seus arrebatamentos. Todo santo só o é pela profunda manifestação do seu amor com Deus, ou melhor, do seu fazer amor com Deus. “Toda me entreguei sem fim e de tal sorte hei tro-

Vanda Freitas

cado, que é meu Amado para mim, e eu sou para meu Amado (...) Atirou-me com uma seta envenenada de amor, e minha alma ficou feita uma com seu Criador" (Tereza de Ávila).

Tudo é busca de plenitude quando o coração está tomado de paixão pelo ser amado. E toda a corporeidade deve ser cantada na sua nudez e ternura. Gozar o gozo oferecido pelo amor e vivenciar o amor pelo prazer do amor e seu desfalecimento: "Sustentai-me com bolos de passas, dai-me forças com maçãs, oh! que estou doente de amor" (2.5). É necessário manter-se forte e perseverante para o encontro amoroso: "As que pretendemos gozar de seu gozo, nunca nos cansamos para achar repouso" (Tereza de Ávila).

A corporeidade da mulher se revela para o homem amado: "São pombas teus olhos escondidos sob o véu (...) teu cabelo um rebanho de cabras (...) teus dentes um rebanho tosquiado (...) teus lábios são fita vermelha (...) metade de romã são teus seios (...) teu pescoço é a torre de Davi (...) teus peitos são dois filhotes, filhos gêmeos de gazela, pastando entre açucenas". Mas é o desejo ardoroso do encontro que aguçava os sentidos do amado: "teus lábios são favo escorrendo, tens leite e mel sob a língua" (...) és jardim fechado, uma fonte lacrada (...) teu umbigo essa taça redonda onde o vinho nunca falta, teu ventre, monte de trigo rodeado de açucenas (...) tua cabeça que se alteia como o Carmelo, e teus ca-

CORPO

Descobri e contei a Pedro: o corpo é humilde, o corpo é muito humilde. Ainda escrevo uma tese que parecerá marota: de como são bons e agradáveis os gases e odores do corpo e de como todos nos deleitamos com eles sem ousar confessá-lo. Ora, o que é o corpo? Necessitarei ainda de quantas paixões para amansar meu orgulho e me deixar ver de frente, de costas, de quatro, comendo, descomendo, sem turvar meus olhos? Para isto caminho. Alguém me ensinará. Uma paixão, uma grande paixão me tomará de tal forma que tanto se me dará ser...

Adélia Prado, *Os Componentes da Banda*, Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

belos cor de púrpura, enlaçando um rei nas tranças".

Mas também o corpo do homem se revela para a mulher amada. "Sua cabeça é ouro puro, uma copa de palmeira seus cabelos, negros como o corvo (...) seus olhos são pombas (...) suas faces canteiros de bálsamo, seus lábios são lírios (...) seus braços são torneados em ouro, seu ventre é um bloco de marfim, suas pernas colunas de mármore (...) sua boca é muito doce... Ele é todo uma delícia".

O arrebatamento de beleza corporal transformada em poema, pois só quem se entrega amorosamente pode compreender que não há erótica sem poesia, e não há melhor suporte para a poesia do que o próprio corpo. E o Verbo se fez carne porque era poética do Pai...

Tanto amor assim, tantos cantares assim, não podem ficar sem a entrega derradeira e o espasmo do gozo entre flores, aromas e perfumes. Foi para isso que Javé criou o Paraíso, o Jardim das Delícias onde Adão conheceu Eva e os dois se extasiaram de amor. É no jardim que o amor tem mais encanto e a

nudez mais graça e beleza. A casa, a alcova, a cama limitam o amor, contornam seus limites. E a corporeidade não conhece limites, pois colocar limites é impedir o conhecimento do absoluto e do inefável de Deus. É preciso que o amado sorva o vinho temperado e licoroso que nunca falta no umbigo de sua amada. É necessário que colha as açucenas, que suba à palmeira para colher dos seus frutos e que depois do amor repouse entre os seus seios. Ali mesmo no jardim, nas macieiras e entre lírios, serão dados um ao outro, em amor e gozo. Ao meio-dia, o pastor de açucenas fará sua amada adoecer de amor e desfalecer em gozo... "Sim, teus seios são cachos de uva, e o sopro das tuas narinas perfuma como o aroma das maçãs. Tua boca é um vinho delicioso que se derrama na minha, molhando-me os lábios e os dentes".

Selado o amor, restam o descanço e o compromisso feito juras de paixão: "Grava-me como um selo em teu coração, como um selo em teu braço; pois o amor é forte, é como a morte, e cruel como o abismo é a paixão; suas



chamas são chamas de fogo, uma faísca de Javé". Nada diferente do que proclama o poeta Drummond: "Amor é o que se aprende no limite, depois de se arquivar toda ciência herdada, ouvida. Amor começa tarde".

Somos nós incapazes de atingirmos a beleza porque fomos moldados no medo da entrega e da paixão. Fomos submetidos ao desprazer do corpo pervertido em sua ternura e condenados a nunca conhecermos a mística da erótica e da entrega ao que é divino. Somente os poetas puderam tocar o círculo de fogo e nos lembrar que Deus está sobretudo no amor, no amor e no amor. Mas um amor feito carne, feito suores, odores, susurros, gritos, gemidos, *ais*, muitos *ais*. Mas... os *ais* do amor são o próprio poema de amor escrito sempre novamente nos corpos entregues à contemplação da sua própria beleza, "faísca de Javé".

Contemplar o amor é realizá-lo, assim como Deus contemplou a sua obra ao fazê-la. Os místicos cantam o amor e a morte como entrega absoluta na paixão. "Ofereçamo-nos inteiras, a morrer por

Cristo todas, para nas celestiais bodas nós estarmos prazenteiras" (Tereza de Ávila). "Que gozo não dará ver-te? (...) Gozo imenso é para mim ver-te" (Tereza de Ávila).

Não há parte do corpo tirada como fragmento, mas todas são cantadas com prazerosa poesia e contemplação. E se, na diversidade do corpo do homem e da mulher, suas diferenças são cantadas em poesia, é porque somente na poesia poderá ser cantado aquilo que lhes é comum e que o nosso falso pudor esconde, mas que também são partes divinas da criação amorosa de Deus. "A bunda, que engraçada. Está sempre sorrindo, nunca é trágica (...) A bunda são duas luas gêmeas em rotundo meneio. Anda por si na cadência mimosa, no milagre de ser duas em uma plenamente (...) Lá vai sorrindo a bunda. Vai feliz na carícia de ser e balançar. Esferas harmoniosas sobre o caos. A bunda é a bunda, redonda" (Drummond).

Mas é a poetisa católica de formação tradicional que dará em sua poesia o tiro de misericórdia aos moralistas de plantão: "De tal or-

dem é e tão precioso o que devo dizer-lhes que não posso guardá-lo sem que me oprima a sensação de um roubo: cu é lindo! Fazei o que puderdes com esta dádiva. Quanto a mim dou graças pelo que agora sei, e mais que perdão, eu amo" (Adélia Prado).

O arrebatamento erótico dos amantes faz com que o vento sul sopra no jardim, espalhando os perfumes da amada e do seu corpo para que o amado entre em seu jardim e coma dos seus frutos saborosos, colha a mirra e o bálsamo, coma o favo de mel e beba o vinho e o leite. Javé é muito mais do que nossa pequenez e grandeza de malícia, muito mais do que este mercado no qual são vendidos, para consumo de massa, demoniacamente, os fragmentos do corpo de homens e mulheres; muito mais vida do que a que temos conseguido em nossa miopia de existir.

"Ele, o artesão, faz dentro dela sua oficina, e ela, a tecelã, vai fiar nas malhas do seu ventre o homem de amanhã" (Chico Buarque e Milton Nascimento, "Primeiro de Maio 170"). E assim, grávidos da plenitude e do arrebatamento do Amor e do Gozo, dar-se-ão em bodas entoando: "Comei e bebei, companheiros, embriagai-vos, meus caros amigos" (5.1).

Paulo César Loureiro Botas é teólogo e assessor do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI. É autor do livro "Bênção de Abril".



C E D I

COMPROMISSO, OUSADIA E SONHO

O CEDI teve participação efetiva no processo de fortalecimento das organizações de trabalhadores, culminando na formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Atuando na interseção da Igreja e do movimento popular, possibilitou uma reflexão crítica e uma assessoria ampla na perspectiva da relação fé e política. No processo de reestruturação por que está passando, pretende multiplicar ainda mais seus serviços às igrejas e aos movimentos populares

MEMÓRIA E TRABALHO

Heloísa de Souza Martins

No início de 1978, preocupada com um projeto para minha tese de doutoramento sobre Igreja e movimento operário, recebi de um colega, Douglas Teixeira Monteiro — infelizmente falecido em setembro daquele ano — a indicação do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI). Citou-me os nomes de duas pessoas, Carlos Alberto Ricardo e Jether Pereira Ramalho, e disse-me que, para entender o que estava ocorrendo na Igreja Católica brasileira, precisaria da ajuda dessa entidade.

De fato, a leitura de jornais e de alguns artigos parecia sugerir que a Igreja ali apresentada era diferente daquela dentro da qual fora criada e da qual me afastara na adolescência. Num primeiro momento, procurei entender o que estava acontecendo, o que estava mudando, se é que se podia falar em mudanças.

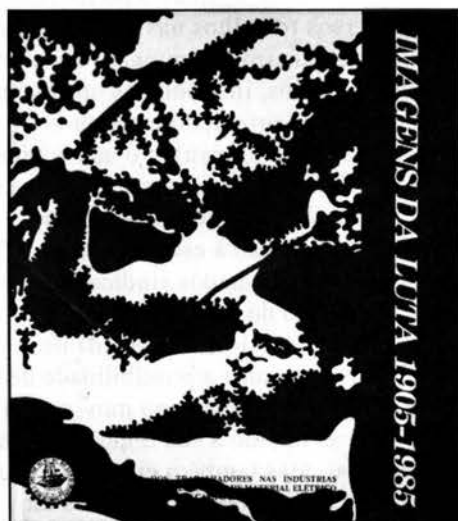
Com a ajuda de alguns amigos, comecei a assistir a algumas reuniões e encontros promovidos por grupos e entidades ligados à Igreja Católica. Participei, durante os anos de 1978 e 1979, de seminários, debates, “semanas”, que aos poucos foram-me revelando uma “nova forma de ser Igreja” que setores comprometidos com os movimentos populares estavam construindo.

Logo de início ficou clara, para mim, a

profunda desconfiança existente nos movimentos populares com relação ao “intelectual acadêmico”, que os procurava com a finalidade de realizar uma “pesquisa”, nem sempre de interesse e de importância para os movimentos, mas fundamental para a carreira do pesquisador. Havia, já naquele momento, uma recusa em se deixar explorar, uma denúncia dos usos e abusos daqueles que os viam como “objetos” sempre, e a reivindicação do reconhecimento de sua possibilidade de se constituírem em sujeitos até mesmo do processo de conhecimento.

Por outro lado, ao mesmo tempo que se valorizava o conhecimento teórico fornecido pelas

ciências sociais, esperava-se que o intelectual, portador desse conhecimento, fosse capaz de entender e de compreender o que estava sendo gestado pelo saber e pela ação dos grupos populares. Redefinia-se, assim, o papel do intelectual, que deveria estar menos voltado para as exigências de uma ciência acadêmica asséptica do que



Imagens da Luta, publicação do CEDI com o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (1987)

1 9 9 4



No CEDI, vivi a experiência mais rica de minha vida, não só como pesquisadora, mas também como pessoa. Pude compreender melhor o sentido, os dilemas e o significado das transformações que ocorriam na Igreja e na sociedade brasileira

para o compromisso com o destino e a história do seu "objeto".

Foi nesse contexto que comecei a me aproximar, já no final de 1979, do CEDI. Aqui vivi a experiência mais rica de minha vida, não apenas como pesquisadora, mas também como pessoa. Integrando-me como assessora voluntária, tive a oportunidade de prestar serviços, na área da Pastoral Urbana, às Comunidades Eclesiais de Base, a grupos de jovens, de mães, de operários, de defesa dos direitos humanos, etc. Em debates, palestras e cursos de formação sobre fé e política, movimento sindical, trabalho e capital, partidos políticos e eleições e uma série de temas definidos a partir da conjuntura e dos interesses dos grupos, fui conhecendo, com a ajuda dos companheiros do CEDI, a realidade dos movimentos que se organizavam nos bairros e nas paróquias da periferia de São Paulo. Pude, assim, compreender melhor o sentido, os dilemas e o significado das transformações que ocorriam na Igreja e na sociedade brasileira.

O trabalho realizado pelo CEDI — na interseção da Igreja e do movimento popular — colocou-nos, também, em uma posição privilegiada para observar e entender o que acontecia no movimento operário. Os diversos trabalhos nas periferias de São Paulo e Rio de Janeiro nos punham em contato com militantes operários, incluindo as oposições sindicais. Começamos, principalmente eu e Henrique Pereira Jr., a acompanhar o que acontecia na área sindical. Como observadores, assistimos a vários encontros, especialmente aqueles dos "trabalhadores em oposição à estrutura sindical", que reunia também os chamados sindicalistas "combativos" da região do ABC paulista.

No ano de 1982, com Aloísio Mercadante à frente, começamos a discutir a possibilidade de um trabalho mais diretamente ligado ao movimento operário, não apenas devido a sua importância na conjuntura nacional, mas também em virtude do interesse de vários assessores. Já tínhamos um acúmulo de conhecimentos e de solicitações na área, os quais exigiam uma concentração maior de esforços. Desde 1980 acompanhávamos os

encontros que deram origem à convocação da Primeira Conferência

Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat), realizada de 21 a 23 de agosto de 1981, em São Paulo. Em 1982, estivemos presentes aos encontros que terminaram por adiar a realização do Primeiro Congresso Nacional da Classe Trabalhadora, que ocorreria naquele ano e que deveria resultar na criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Esse congresso foi, finalmente, realizado de 26 a 28 de agosto de 1983, e teve como principal resultado a criação da CUT.

O acompanhamento de todo esse processo e o registro de seus principais momentos deram-nos condições de participar da edição do livro "I Congresso Nacional da Classe Trabalhadora", publicado em 1984, em que procuramos esclarecer as divergências do movimento sindical e que resultaram na criação de duas centrais distintas.

No final de 1983 elaboramos um programa de trabalho para três anos. Definiu-se, desde logo, a proposta voltada para a reconstrução das lutas operárias na região do ABC, com o objetivo de colaborar na construção de um novo sujeito político histórico que, a nosso ver, tinha sua origem principal na experiência sindical e nas grandes lutas que se iniciaram no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo (SP). A ênfase posta na reconstrução da memória como parte da construção da identidade de um novo sujeito histórico visava recuperar tanto as tradições, as experiências, como os avanços e os retrocessos, as debilidades e as certezas, de forma a incluí-los em uma reflexão crítica. Nossa preocupação e nosso compromisso político eram documentar, analisar e socializar o conhecimento produzido, como forma de contribuir para vários setores do movimento sindical, comprometidos com um sindicalismo autônomo e combativo.

Surgiram muitos frutos desse trabalho, mas o principal foram o respeito e a legitimidade conseguidos em várias instâncias do movimento. Ainda que marcada por tensões, dúvidas e



CEDI

*Fomos exílio com os exilados, fomos fome
com os famintos, fomos acolhida com os
desamparados, fomos voz dos silenciados,
fomos sustento dos expurgados; mas, sobretudo,
fomos irmãos, companheiros e amigos*

questionamentos internos, a atuação do Programa foi fundamental para consolidar o nome do CEDI perante a sociedade civil.

Nesses meus catorze anos de CEDI, aprendi bastante. Nos meus inúmeros contatos nas comunidades, nos bairros da periferia e nos sindicatos, ganhei muitos amigos. Com eles reaprendi a acreditar nas pessoas e na possibilidade de libertação mediante o compromisso e a luta.

Hoje, ao rememorar-comemorar todos esses anos de trabalho ao lado dos companheiros do CEDI, mais uma vez reafirmo que neles encontrei a "minha gente". É com tristeza que comemoro os vinte anos e o encerramento do CEDI. Mas busco forças para, ao lado de velhos e novos companheiros, recriar, em torno do tema trabalho, uma nova entidade que, valendo-se de toda a experiência acumulada, lança as sementes do novo.

Heloísa Helena T. de Souza Martins é socióloga, professora da Universidade de São Paulo, membro da Diretoria do CEDI e presidente do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Sociedade (NETS).

O CEDI FOI MUITO MAIS

Paulo César Loureiro Botas

O CEDI não se resume aos vinte anos institucionais. Seu sonho foi sonhado quando a nossa juventude ainda era feita de ousadias e aventuras. Um grupo de sonhadores, que vivia sob o medo e a repressão, tidos como heréticos em suas igrejas, mas "humanos, profundamente humanos". Nesta pedra foi moldada a história de vida de cada um desse grupo, entre os medos impostos a cada dia em que era parida, na esperança, a própria sobrevida que conseguíamos. Solidariedade com os perseguidos políticos, esquemas de fuga na calada do dia e na cumplicidade da noite. Cada um tinha, na construção da lealdade, a vida dos companheiros nas mãos. Fomos forjados nesse cotidiano, olhos nos olhos, coração a coração, vida a vida. Fomos

uma comunidade de esperança onde a cada situação-limite sentíamos o gosto dos desafios e a lucidez de enfrentá-los.

Não éramos cavaleiros da triste figura, mas para cada um de nós viver no limite da existência era condição de pertencimento à comunidade e razão última da nossa fé e eucaristia. Nosso pão era repartido a mancheias, e nosso vinho tinha o sabor terno de cada batalha vencida. Fomos exílio com os exilados, fomos fome com os famintos, fomos acolhida com os desamparados, fomos voz dos silenciados, fomos sustento dos expurgados; mas, sobretudo, fomos irmãos, companheiros e amigos. O CEDI foi um jeito de ser na vida com o outro



J.R. Ripper

Visita do bispo sul-africano Desmond Tutu ao CEDI, em 1987. Na ocasião, em significativa cerimônia ecumênica, foi reafirmado o apoio do povo brasileiro à luta contra o *apartheid* existente na África do Sul

1 9 9 4



C E D I

Fomos assim, moldados assim. Tudo era comum. Gratuidade, militância e uma formação permanente dos nossos espíritos e corações

diante do Absoluto. Eram os anos de 1970. Fardas, armas e medo, muito medo. Nada de escritos, anotações, telefones, endereços. Telefones traidores, códigos cifrados, aparecer normal na anormalidade política da época. Tensão, boatos, prisões, amigos mortos, sumidos ou desaparecidos.

Era uma vez... todos reunidos e acuados. Vamos nos "clandestinizar" publicamente. Como??? Brincando de trocar os nomes. Um bordel como o país dos militares. E lá fomos brincando. O riso comum era o próprio batizado quando o nome era acertado. Anos de 1970, vinte e poucos anos, e até hoje não nos esquecemos, nenhum de nós. Antigos amigos, permitam-me esta terna confidência e revelação de um segredo tão nosso — nossos nomes de guerra na guerra aguerrida contra a ditadura militar: Jether era "Tia Laura"; Brandão, "Sabina"; Zé Ricardo, "Sara"; Beto Ricardo, "Grace"; Fany, "Glaucio"; Paulo César, "Irene"; Paulo Ayres, "Dagmar"; Diana Cunha, "Jorjão".

Foi assim que a brincadeira virou código, codinome, confronto e resistência. E podíamos falar tudo de todos, cidadãos acima de quaisquer suspeitas.

Cuidado com o vacilo. Nova lei da Física. $V=D$: "Vacilou, dançou". Reunião para discussão de um livro sobre Educação Popular. Bia Bebianio o trazia no táxi. Era a mais segura, controlada e prudente. Tensão no ar. A espera, a espera, a espera. Chega a Bia toda serena, como sempre foi. Todos sentados. E o livro? Meu Deus, de tanta precaução e cuidado, esquecera no banco traseiro do táxi. Por motivos de segurança ninguém havia guardado a chapa do carro.

Mas Deus escreve certo por linhas tortas. Brandão logo escreveu sozinho outro, o qual, sem poder ser publicado em *Terra Brasilis*, foi publicado por *Tierra Nova* com o nome emprestado de outro companheiro; e, ironia das ironias, virou obra de referência e celebridade latino-americana. Era engraçado ouvir o companheiro Julio Barreiro falar das vezes que tinha que falar de um livro para o qual e por razões imperiosamente políticas havia só emprestado o nome.

Como escrever quando Rubem Alves, que havia



José Lima Jr.

defendido nos Estados Unidos sua tese sobre Teologia da Libertação, nos deixou perplexos na Chácara Flora (São Paulo) ao declarar que a teologia havia acabado e que era preciso redescobrir o corpo e o prazer. Eram os idos de 1971... Declarava ele emocionado: "Participei em sessões de treinamento de sensibilidade em que o grupo, na penumbra, se tocava com as mãos". E no atônito grupo, ouvir a voz fanhosa do Breno Schumann contestar: "Chiiiiii!!!! Acabamos de exportar a mão-boba". Ou a proposta delirante do mesmo Breno para enfrentar a censura nos meios de comunicação: colocar um navio com uma rádio clandestina além das duzentas milhas marítimas da costa brasileira.

Fomos assim, moldados assim. Tudo era comum. Gratuidade, militância e uma formação permanente dos nossos espíritos e corações. Ninguém funcionário, ninguém vivendo exclusivamente do dinheiro que vinha para o trabalho com os outros. Mas, de vez em quando, tínhamos nossos momentos de ágape nas mesas de uma churrascaria, quando nos era oferecida uma mesa farta de ternura e pão e carne, muita carne.

Continuamos assim. Depois de um tempo caímos no canto da sereia e na tentação do sistema: profissionalizar os competentes.

Mas... isto não era uma vez, é outra história. Quem quiser contar que conte. Eu não ousa dizer o seu nome. O CEDI morreu. Viva o CEDI!

Paulo César Loureiro Botas é teólogo e assessor do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

VITÓRIA DA DIGNIDADE

Colin Darch

O efetivo sucesso das primeiras eleições democráticas e de caráter não-racial na África do Sul e seu resultado pacífico surpreenderam até mesmo os mais otimistas nessa terra bonita e complexa.

Oitenta e dois anos após sua fundação, o Congresso Nacional Africano (CNA), de maioria negra, chegou ao poder pelas urnas — e não por armas — numa onda de euforia que varreu igualmente brancos e negros, “mestiços” e indianos.

Nelson Mandela, um prisioneiro do regime do *apartheid* por vinte e sete anos, foi empossado presidente em um governo de unidade nacional, propondo reconciliação e reconstrução. E os sul-africanos de todos os lugares estão orgulho-

samente mostrando sua nova bandeira de seis cores como símbolo de renovação.

Ato de emoção. Para muitos, o ato de votar foi uma experiência de profunda emoção. “Eu me senti como se fosse um sul-africano pela primeira vez na minha vida”, me disse, quase em lágrimas, Verônica, uma mulher “mestiça” de meia idade, quando retornava das urnas no dia das eleições. As diferenças de raça foram colocadas também de lado. Nesse mesmo dia, Jonathan, um companheiro branco do CNA, respondeu zangado a um homem negro, mais velho, por tê-lo chamado “branco”: “Nós não somos brancos. Nós somos CNA, e isso é diferente”.

ESPERANÇA

Embora a nova África do Sul tenha realmente chegado, a luta está longe de ter terminado. Nosso povo foi deixado alquebrado, traumatizado, com as cicatrizes de um legado de privações, violência e sofrimento que foi o sistema de apartheid. Por isso, um grande processo de cura ainda precisa ser realizado. Mas os sul-africanos e as sul-africanas são um povo de esperança. Sabem que, tendo uma visão em comum, podemos ser um exemplo para todo o mundo. Todos sabemos da importância da reconstrução, do desenvolvimento, da reconciliação e da restituição.

(Mensagem do Arcebispo Desmond Tutu, da Cidade do Cabo, África do Sul — maio de 1994)

No entanto, menos de uma semana antes da votação em 26, 27 e 28 de abril, esse resultado surpreendente não parecia tão provável. O Partido Inkatha de Libertação, do chefe Mangosuthu Buthelezi, ainda pedia o adiamento das eleições, e a violência política crescia, especialmente em Natal, base tradicional do Inkatha.

Uma séria ameaça de brancos “de direita” (expressão política para designar os separatistas racistas) também assustou, e a explosão de uma bomba no Aeroporto Internacional Jan Smuts, em Johannesburg, mostrou que eles estavam preparados para confirmar as palavras com ação em suas reivindicações por um Estado para o homem branco (*volksstaat*).

Buthelezi teimosamente se recusou a tomar parte nas extensas negociações multipartidárias que



Nelson Mandela

ÁFRICA DO SUL

Capital: Cidade do Cabo (legislativa), Pretória (administrativa). **Superfície:** 1.221.037 km². **População:** 32.063.000 habitantes (60,3% urbana). **Composição demográfica:** 70,2% negros, 16,3% brancos, 10,4% mestiços. **Crescimento demográfico:** 2,6%. **Natalidade:** 34 por 1.000 habitantes. **Mortalidade:** 8 por 1.000 habitantes. **Mortalidade infantil:** 51 por 1.000 habitantes. **Vida média:** homens (61 anos); mulheres (67 anos). **Analfabetos:** 50%. **Natureza do regime:** República presidencialista. **Economia:** agricultura (5,1%); indústria (33,4%); mineração (10,7%); e comércio (13,5%). **Desemprego:** 9,8%.

Fonte: Almanaque
Abril/1994.



produziram uma constituição provisória e levaram às eleições. Ele alegava que seu partido sentia que o governo central teria muito poder, a menos que princípios federalistas fortes fossem introduzidos.

Mas, dizem os cínicos por aqui, ele sabia que o Partido Inkatha corria o risco de perder mesmo em sua própria casa, província de Natal, a mais densamente povoada da África do Sul, com 40% da população global do país. Buthelezi, segundo esta versão, estava esperando por alguma garantia de que teria um lugar ao sol na nova África do Sul.

Depois que várias tentativas de

mediação internacional falharam em trazer Buthelezi para dentro do barco, foi um obscuro professor queniano, Washington Okumu, que persuadiu o recalcitrante chefe a assinar um acordo apenas seis dias antes da votação.

Já que a eleição se realizou por meio de listas de nomes apresentadas pelos partidos e não de candidaturas individuais, o Inkatha, de Buthelezi, foi acrescentado, colando-se um adesivo adicional em milhões de cédulas.

A ameaça da direita — principalmente o neofascista Movimento de Resistência Africaner (MRA) — também se revelou pouco consistente, apesar das mais de vinte mortes resultantes dos atentados a bomba.

O MRA e outros grupos paramilitares obviamente apostaram que a polícia sul-africana, majoritariamente branca e conservadora, iria olhar para o outro lado enquanto eles lançavam uma campanha de terror. Isso, no entanto, foi um sério erro de avaliação, e em poucos dias mais de trinta membros do MRA foram presos.

As eleições se realizaram para compor uma única Assembléia Nacional, substituta do velho sistema tricameral, que permitia parlamentos diferenciados para brancos, indianos e “mestiços”, mas que não dava nenhuma voz para os 35 milhões de africanos, e para nove assembleias de província.

Rompendo com o passado. Historicamente, a África do Sul foi formada da união das velhas colônias britânicas de Cabo e Natal com as repúblicas Boer do século XIX, Transvaal e *Orange Free State*. Mas num rompimento simbólico com o passado, todos os lados concordaram em traçar novas fronteiras provinciais, deixando intactos apenas Natal e o *Orange Free State*. A vasta e subpopulosa área da colônia do Cabo foi dividi-

da em três (norte, oeste e leste), enquanto o Transvaal foi separado em dois, em que a grande Johannesburg se transformou na terceira província. A província do Noroeste, completamente nova, foi criada do antigo bantustão Bophuthatswana, com a junção de partes do Cabo e do Transvaal.

Nacionalmente, o Congresso Nacional Africano chegou ao poder com um pouco menos de dois terços dos votos, o que lhe teria dado total liberdade na futura Assembléia Constituinte. Nas eleições provinciais, o Cabo Ocidental, que inclui a Cidade do Cabo, ficou nas mãos do velho Partido Nacionalista, e em Natal, em meio a acusações de fraude vindas de todos os lados, ganhou o Inkatha.

De acordo com as regras, 20% dos votos nacionais garantem ao partido o direito de ter um posto de vice-presidente; 5% levam a um posto ministerial. O CNA é agora, portanto, o parceiro mais experiente numa coalizão que inclui tanto os nacionalistas como os do Inkatha (Buthelezi foi indicado ministro do Interior).

Futuro. Os analistas já estão trabalhando em busca de padrões e tentando prever o que vai acontecer nas próximas eleições, em 1999. Mongezi, um veterano ativista do CNA do Transvaal me disse: “Nós, de fato, falhamos na mobilização da população para votar. Ganhamos essa eleição pela falta de alternativas, mas a próxima dependerá de como estiver nossa organização nas bases”.

O CNA ainda passa por um processo de uma transição difícil de um movimento de libertação para um partido político. Nos próximos cinco anos será possível avaliar se ele foi bem-sucedido.

Colin Darch é professor da *University of Western Cape*, África do Sul. (Especial para TEMPO E PRESENÇA)

BELEZAS E PRAZERES MESSIÂNICOS

Pedro Lima Vasconcelos

Será que o belo e o prazer têm lugar na utopia de Deus para a humanidade, no novo céu e na nova terra que devem surgir para uma convivência humana transformada? Ou apenas importam as realidades transcendentais e sociais, as grandes revoluções e mudanças? Que gosto terá a nova sociedade, se para ter acesso a ela forem necessárias, indispensavelmente, renúncia e sobriedade? Somente mortificados, abnegados e ascetas são sinais do mundo que queremos?

Na trajetória do povo de Deus, houve lugar para o belo? Receio que não tenhamos a sensibilidade adequada, estimulada para tal, e respondamos rapidamente: "Não houve lugar!". Será mesmo? Ou será que há lugar em nossos esquemas, comunidades e igrejas, rígidos e pouco voltados às dimensões mais típicas do ser humano, como o gostar, o querer, o sentir, o sonhar, o alegrar-se?

E pensar que, na língua hebraica, a palavra que significa "bom" pode significar também "belo"... Os frutos das árvores do Éden são prazerosos à vista e ao paladar (Gn 2.9). Sublime tentação, desejado Éden! O futuro libertador é belo, não pode ser submetido à sanha assassina do faraó (Ex 2.2): beleza subversiva! E não podemos pensar que, na reflexão dos judeus escravos na Babilônia, Deus, ao criar o mundo, possa ter achado suas criaturas "belas", além de "boas" (Gn 1)? Beleza

pede contemplação! Beleza portadora do prazer visual e do descanso das mãos calejadas!

E, numa economia de mercado, ainda não-capitalista, que torna mais prazeroso o protestar contra a "coisificação" das pessoas do que a proposta do autor do Eclesiastes: comer e beber, desfrutando do seu trabalho! E como é difícil incorporar esses valores à nossa mentalidade cristã, em que o "sentido do dever" é o preponderante!

Mas, evidentemente, é o campo da sexualidade humana o lugar em que se pode experimentar de forma mais intensa o encontro entre a beleza e o prazer. Ou não? A beleza sedutora, o prazer inebriante, energias liberadas, cheiros percebidos, gostos sorvidos... Que lugar tem tido essas sensações de gozo em nossas teologias, espiritualidades, militâncias e utopias? Prática-



Marta Cerqueira Leite

mente nenhum, pois estas sempre foram e continuam sendo incorpóreas, assexuadas. Elas continuam carentes de sofrer o influxo das dimensões mais humanas e cotidianas da vida!

Porém Isaac achou Rebeca bela: quem duvidará disso lendo Gênesis 24? Para além de alguns costumes um tanto estranhos (como o de um servo de Abraão ir buscar uma mulher para Isaac), "ele a amou". O patriarca não é apenas um antepassado do povo, é um amante! Pena que o texto não apresente também o ponto de vista da Rebeca, o encontro dos sentimentos e dos prazeres envolvidos no entrelaçamento dos seus corpos!

Esta saciedade que falta no texto do Gênesis é encontrada no Cântico dos Cânticos. Nele, a beleza é cantada e decantada, e com que gosto, por ele e principalmente por ela! É claro que, por causa dos preconceitos e repressões dos quais a religião tem sido portadora, também aqui se pretendeu ver no Cântico dos Cânticos tudo, menos confissões apaixonadas de amor e de paixão, faísca de Javé. Mas são elas que percorrem o livro todo! Pode-se pensar em qualquer interpretação para esse conjunto de poemas; porém, não é possível escapar da exigência de explicar o porquê da linguagem erótica, sensual e ardente! Se, ao contrário, a levamos a sério, então o livro nos revela ser portador de sensações, gozos, alegrias, prazeres, efusão de consciência de si e de auto-estima, realmente faíscas de Javé!

Tomemos, por exemplo, o primeiro dos cinco poemas que compõem o livro: Ct 1.5-2.7. Após se apresentar e protestar contra os maus-tratos que recebe dos irmãos que a querem como escrava, a amante canta a alegria de ter-se entregado, e com que gosto! O encontro descrito traz o elogio do amante ao contemplar a beleza de

sua amada, seu corpo e adornos. Ela faz o mesmo. E os elogios mútuos levam ao entrelaçamento dos corpos nus, ao leito relva, até o clímax do prazer máximo, ao orgasmo que faz desfalecer: faísca de Javé!

O prazer que vem da contemplação da beleza feita corpo e do entrelaçamento das belezas corporificadas: revolução diante dos sistemas, instituições e esquemas que instrumentalizam os corpos ao mesmo tempo que os enrijecem e destroem! Prazer que aponta para outros prazeres a serem construídos e conquistados, ao mesmo tempo que se afirma como linguagem a ser ouvida, e não silenciada! Belezas que valem por si ao mesmo tempo que anunciam belezas a serem criadas e recriadas!

O diálogo dos corpos comunicantes — realização da aliança; as belezas contempladas e os prazeres consentidos e experimentados — busca teológica; sentidos trans-

figurados e desfalecidos — o utópico se faz carne, novo céu e nova terra despontam. Messiânico!

E por falar em messianismo, em sonhos e em utopias, o Reino, que Jesus afirmou estar às portas, não é alegria, gozo, pessoal e coletivo?

Que venham, portanto, as belezas, os prazeres que dignificam a vida e a tornam gostosa e desejada. E, naturalmente, se tornarão criadores de energias, liberadores de potencialidades, propulsores de vida e gozo para as maiorias desumanizadas...

Messiânico! Revolucionário! Talvez por medo deste sonho é que tenham existido os tabus, os assuntos ocultos e proibidos...

Pedro Lima Vasconcelos é católico. É assessor do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (Cebi) e mestrando em Ciências da Religião no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG), em São Bernardo do Campo/SP.

A CAMINHO DA 1ª JORNADA ECUMÊNICA

As questões e os desafios para o ecumenismo neste final de século são os temas da 1ª Jornada Ecumênica, a ser realizada pelo Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI e por KOINONIA — Presença Ecumênica e Serviço, e promovida em conjunto com o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) e Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE).

A 1ª Jornada Ecumênica acontecerá de 11 a 16 de outubro de 1994 na Fazenda São José das Paineiras (Mendes/RJ) e contará com a presença do secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, Konrad Raiser, que estará pela primeira vez no Brasil. O evento é aberto à participação de todas as pessoas e grupos interessados em refletir as questões do ecumenismo.

Os temas serão desenvolvidos em três módulos com a metodologia de oficinas que possibilitará ampla participação e maior interação entre assessores e participantes.

- Módulo 1: Unidade Cristã (Oficinas: Bíblia, Liturgia & Simbólica, Espiritualidade & Formação).
- Módulo 2: Igreja e Sociedade (Oficinas: Teologia & Economia, Teologia & Política, Cidadania & Dignidade).
- Módulo 3: Diálogo Pluricultural (Oficinas: Mulher & Teologia, Teologia Negra, Novos Movimentos Religiosos).

Informações e inscrições: Programa de Assessoria à Pastoral — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230 — Rio de Janeiro — RJ, tel. (021) 224-6713 e fax (021) 221-3016.

A GLÓRIA DE DEUS É O POBRE COM VIDA

Jorge Atilio Silva Iulianelli

A IGREJA NO BRASIL
De João XXIII a João Paulo II
De Medellín a Santo Domingo
José Oscar Beozzo
Petrópolis, Ed. Vozes, 1993
13,5 cm x 21 cm, 342 páginas

O livro do padre Beozzo vem suprir uma lacuna na historiografia da Igreja Romano-Católica no Brasil — a contemporaneidade — e avisar que determinados conceitos utilizados nessa Igreja estão ficando envelhecidos e enfraquecidos. Mas, sobretudo, pontua essa história repleta de ambigüidades com seu ar denso e tenso.

Iniciar esta resenha com o distíco que Beozzo percebe, com sua sensibilidade, nos momentos finais da vida de d. Oscar Arnulfo Romero, pareceu-me indicar a chave de leitura do autor: o processo de construção de uma Igreja dos pobres como *locus vivendi* do que aconteceu com a Igreja Romano-Católica do pontificado de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Poderíamos dizer: iniciamos sonhando e terminamos com pesadelos... sem perder a esperança.

Os cinco capítulos do livro já foram artigos, alguns inéditos no Brasil. O primeiro analisa o que foi vivenciado do pontificado de João XXIII na Igreja no Brasil; o segundo, anterior à realização da Assembléia de Puebla, era mais um sonho, querendo participar do debate de sua construção e arraiar-lhe no solo libertador de Me-

dellín; o terceiro, "Medellín vinte anos depois, o balanço dos participantes", procura resgatar os ecos daquela Conferência, lembrando que das que aconteceram da e sobre a América Latina, era a mais próxima de um Concílio; o penúltimo aborda a recente história de pouco diálogo e muita tensão entre o Vaticano e a Igreja no Brasil; e o último capítulo é uma análise da Conferência de Santo Domingo, e sua distância da Assembléia do Povo de Deus (Quito, 1992).

Beozzo demonstra rigor como historiador, uma pesquisa de fontes nem sempre muito fáceis, como por exemplo no caso da (não) recepção do pontificado de João XXIII no Brasil. Perguntando a alguém no interior — até ouviu que não se sabia quem era João XXIII —, ele elabora uma leitura dessa história como um processo pendular: de um momento, com ambigüidades, aberto à renovação de uma Igreja que tinha o que dizer ao mundo dos pobres; ao fechamento rigorista que, ao invés de ouvir, quer ditar normas. Muito fiel à história, fala da preocupação com a América Latina, de João XXIII, relacionada ao projeto do presidente estadunidense, J. F. Kennedy. Mas, a ambigüidade maior era entre o projeto do papa e o da Cúria. Enquanto João XXIII queria uma atenção humana dos países mais ricos para com os mais pobres, a Cúria queria um intenso combate ao comunismo, que na América Latina se insinuava com a experiência cubana.



Fica ressaltado, com o livro de Beozzo, o processo de involução ecumênica por que passa a Igreja Romana. O autor é sensível e lê esse processo como pouco ecumênico, pouco ligado à inculturação, pouco aberto às mulheres. Embora o texto seja anterior às recentes notícias sobre João Paulo II, irritado e taxativo, contrário à ordenação feminina. O livro apresenta-nos uma Conferência Latino-Americana dirigida a partir de Roma, Santo Domingo, e a dificuldade da Igreja romanizada em lidar com a pluralidade negra, indígena e mestiça deste continente; e, por isso mesmo, dificuldade em lidar com o feminino, pois foram as mulheres quem puderam gerar, com dor, sofrimento e violência essa mescla cultural, repleta de racismo e generosidade que é América Latina.

Trata-se de uma obra que deve ser lida por quem desejar compreender as tensões internas que vivencia o catolicismo romano em terras brasileiras.

Jorge Atilio Silva Iulianelli é filósofo, leigo católico e integra a equipe do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

Carlos Brandão

Elter Maciel

Ivone Gebara

Jaci Maraschin

Leonardo Boff

Ordep Serra

Paulo Botas

Rubem Alves

1 9 9 4



C E D I